



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Erica Ferreira da Silva

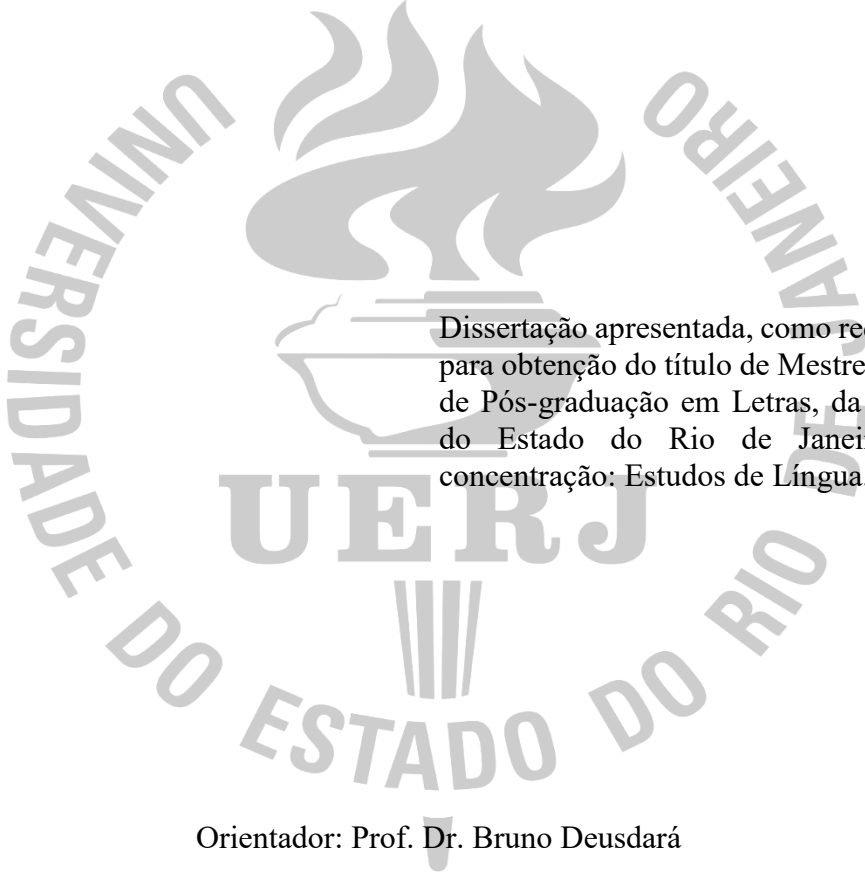
***La Casa de Papel: Uma crítica ao capitalismo e sua financeirização por
uma perspectiva da Análise Cartográfica do Discurso***

Rio de Janeiro

2024

Erica Ferreira da Silva

La Casa de Papel: uma crítica ao capitalismo e sua financeirização por uma perspectiva da Análise Cartográfica do Discurso



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Deusdará

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586	Silva, Erica Ferreira da. La casa de papel: uma crítica ao capitalismo e sua financeirização por uma perspectiva da análise cartográfica do discurso / Erica Ferreira da Silva. – 2024. 82 f.: il. Orientador: Bruno Deusdará. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 1. Análise crítica do discurso – Teses. 2. Capitalismo – Aspectos sociais - Teses. 3. La casa de papel (Minissérie) – Teses. I. Deusdará, Bruno. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título. CDU 82.085
------	---

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Erica Ferreira da Silva

La Casa de Papel: uma crítica ao capitalismo e sua financeirização por uma perspectiva da Análise Cartográfica do Discurso

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 30 de setembro de 2024.

Prof. Dr. Bruno Deusdará (Orientador)
Instituto de Letras – UERJ

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Alejandra Judith Josiowicz
Princeton University

Prof.^a Dra. Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Prof.^a Dra. Thatiana Muylaert Siqueira Menezes
Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe falecida, Marisa da Silva Ferreira e minha tia Norma Senra, pessoas que foram e são importantes na minha vida. Obrigada por tudo e por serem fonte de luz e sabedoria na minha existência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha capacidade de lutar e de resistir e nunca ter desistido desta dissertação, mesmo passando por muitos momentos difíceis, traumáticos e dolorosos, eu sigo lutando e acreditando em dias melhores. Eu nem sei como cheguei até aqui...

Ao meu orientador, Bruno Deusdará, por ter sido uma pessoa compreensiva e generosa. Muito obrigada, Bruno, por demonstrar humanidade e sempre agir de maneira respeitosa e, sobretudo, sensível na sua orientação. Estou muito feliz com sua orientação, pois ela me possibilitou seguir meu próprio caminho sem pressão e imposições. Bruno, você me deixou livre para eu ser, eu mesma sem nenhuma opressão. Gosto muito do seu jeito de ser, pois você é uma pessoa calma, paciente e tem muito respeito para tratar as pessoas. Obrigada mais uma vez por sua seriedade e profissionalismo!

À professora Alejandra Josiowicz, uma excelente professora, que sempre trouxe materiais excelentes e contemporâneos para nossa aprendizagem. Suas aulas me auxiliaram muito nessa pesquisa. Pois, os seus ensinamentos foram muito enriquecedores! Uma excelente profissional!

À professora Maria Cristina Giorgi, por ter aceitado o convite. Muito obrigada por participar da minha banca de defesa, Cris! Você é uma pessoa solícita, generosa, simpática e agradável! Gostei muito de seu pragmatismo! Sua generosidade é notável!

À professora Thatiana Muylaert Siqueira Menezes, uma pessoa incrível, amiga, positiva, divertida, generosa e amorosa. Gosto muito da sua energia! Eu não tenho como te agradecer em palavras por tudo que você me ajudou nesse trabalho. Pois, você me amparou em todas as ocasiões que senti dificuldades. Uma pessoa solícita e carinhosa. Você é uma amiga, que quero guardar para sempre. Uma menina inteligente, esforçada e com uma alegria contagiante. Gosto muito de ti! Eu estarei sempre na plateia torcendo pelo seu sucesso! Você é potência e inteligência!

Ao meu amigo Alex, por sempre me fortalecer com palavras positivas e sempre torcer por mim.

À minha tia Norma, por ser uma querida e, apesar de estar muito doente, ela sempre tem uma palavra carinhosa que me joga para frente e me faz querer seguir adiante.

À minha amiga Dani, por ser uma pessoa que me alegra sempre e me fortalece com sua energia e positividade.

À minha filha amada Laís, por ser uma menina carinhosa e guerreira! Filha, você é a razão da minha luta por dias melhores... A mamãe te ama mais que tudo nesta vida! Você é minha força e meu planetinha. “Eu não existo longe de você...”.

Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga.

Gilles Deleuze

RESUMO

SILVA, Erica Ferreira. *La casa de papel*: uma crítica ao capitalismo e sua financeirização por uma perspectiva da análise cartográfica do discurso. 2024. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O objetivo principal desta pesquisa é demonstrar como *La Casa de Papel*, por meio de sua narrativa e sua construção discursiva, se constitui como uma crítica relevante ao capitalismo contemporâneo e sua financeirização, utilizando conceitos da Análise do Discurso para mapear essa crítica. A série é analisada como uma prática discursiva (Maingueneau, 1997) que constrói uma cenografia (Maingueneau, 1998) particular, criando um ethos (Maingueneau, 2013) do grupo de assaltantes como heróis que se rebelam contra o sistema financeiro corrupto. O discurso de *La Casa de Papel* dialoga com outros discursos (Maingueneau, 2008) sobre o capitalismo e sobre a crise financeira, inserindo-se em uma formação discursiva (Maingueneau, 2008) maior que questiona o sistema vigente. A narrativa rizomática (Deleuze; Guattari, 1995) da série, com múltiplas entradas e saídas, representa uma micropolítica de resistência. Os assaltantes desterritorializam o banco da Espanha, mas correm o risco de reterritorialização pelo sistema (Deleuze; Guattari, 1995). Sendo assim, a Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021) explora a série espanhola *La Casa de Papel* como uma crítica ao sistema capitalista contemporâneo. Utilizando a Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021), como um estudo, que investiga como a narrativa da série e seus personagens simbolizam a resistência contra a financeirização da economia e as desigualdades geradas pelo capitalismo. A pesquisa analisa os elementos discursivos presentes na série, como os diálogos, as ações dos personagens e os símbolos, para mapear as críticas ao sistema financeiro global. Essa dissertação argumenta que *La Casa de Papel* não é apenas uma história de assalto, mas uma metáfora para a luta contra a opressão econômica e a busca por justiça social.

Palavras-chave: *La casa de papel*; crítica ao capitalismo e sua financeirização; análise cartográfica do discurso.

ABSTRACT

SILVA, Erica Ferreira. La casa de papel: a critique of capitalism and its financialization from a perspective of cartographic discourse analysis. 2024. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The main objective of this research is to demonstrate how *La Casa de Papel*, through its narrative and discursive construction, constitutes a relevant critique of contemporary capitalism and its financialization, using concepts from Discourse Analysis to map this critique. The series is analyzed as a discursive practice (Maingueneau, 1997) that constructs a particular scenography (Maingueneau, 1998), creating an ethos (Maingueneau, 2013) of the group of robbers as heroes who rebel against the corrupt financial system. The discourse of *La Casa de Papel* dialogues with other discourses (Maingueneau, 2008) on capitalism and the financial crisis, inserting itself into a larger discursive formation (Maingueneau, 2008) that questions the current system. The series' rhizomatic narrative (Deleuze; Guattari, 1995), with multiple entrances and exits, represents a micropolitics of resistance. The robbers deterritorialize the Bank of Spain, but run the risk of reterritorialization by the system (Deleuze; Guattari, 1995). Therefore, Cartographic Discourse Analysis (Deusdará; Rocha, 2021) explores the Spanish series *La Casa de Papel* as a critique of the contemporary capitalist system. Using Cartographic Discourse Analysis (Deusdará; Rocha, 2021), as a study, it investigates how the series' narrative and its characters symbolize resistance against the financialization of the economy and the inequalities generated by capitalism. The research analyzes the discursive elements present in the series, such as dialogues, characters' actions, and symbols, to map critiques of the global financial system. This dissertation argues that *La Casa de Papel* is not just a heist story, but a metaphor for the struggle against economic oppression and the search for social justice.

Keywords: La casa de papel; critique of capitalism and its financialization; cartographic discourse analysis.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA: ALGUNS POSTULADOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	16
1.1	Prática Discursiva	16
1.2	O postulado da interdiscursividade.....	18
1.3	Formação Discursiva	19
1.4	Cena e cenografia	21
1.5	Ethos	22
1.6	Rizoma.....	23
1.7	Micropolítica.....	23
1.8	Desterritorialização e Reterritorialização.....	24
1.9	Análise Cartográfica do Discurso	25
2	NOSSA IMPLICAÇÃO: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O CAPITAL	29
3	UMA PERSPECTIVA RIZOMÁTICA EM LA CASA DE PAPEL: CONEXÕES NA TRAMA.....	32
4	FUNÇÃO ATENCIONAL CARTOGRÁFICA	35
5	LINHAS DE FULGA: RESISTÊNCIA E SUBJETIVIDADE CAPITALÍSTICA.....	38
6	CARTOGRAFIA COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA: ACOMPANHANDO PROCESSOS EM LA CASA DE PAPEL.....	44
7	O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E SUA FINANCEIRIZAÇÃO.....	47
8	UMA LINGUÍSTICA ANTICAPITALISTA DELEUZIANA EM LA CASA DE PAPEL.....	55
9	INTRODUÇÃO DO CORPUS CONSTRUÍDO PARA ANÁLISE	63
9.1	Análise do <i>corpus</i>.....	64
	CONCLUSÃO	78
	REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO

A principal inquietação que motiva esta pesquisa foi inspirada por pertencermos a camadas menos abastadas social e economicamente. Portanto, afetadas pela desigualdade social. Diante disso, toda crítica ao sistema vigente tem sido fruto de nossas introspecções. Sendo assim, o contexto sócio-histórico da Espanha em 2009, materializado em forma de crítica ao capitalismo e sua financeirização, na série *La Casa de Papel* foi o estímulo para retratarmos o contexto do capitalismo contemporâneo espanhol e sua financeirização concatenados às medidas de austeridade. Uma vez que “o capitalismo suscita todos os males econômicos existentes e sua financeirização agrava mais ainda as desigualdades produzidas” (Lapyda, 2023, p.23).

As reflexões que nos movem são, sobretudo, centradas no princípio de que todos deveriam ter uma vida digna, um clamor por mais justiça social e um cenário em que não tenhamos que competir com outros seres humanos. Essa competição tem afetado muito a nossa existência, pois, na verdade, não se vive de forma saudável competindo com os outros, porque isso afeta a nossa saúde mental e nossa humanidade. Em suma, estamos nos tornando vítimas das condições impostas por um sistema destrutivo.

Outro ponto relevante é que, no capitalismo, até mesmo a felicidade é vendida como produto de uma subjetividade capitalística, termo cunhado por Guattari (1996). Ou seja, nesse sistema, nada é construído, tudo é produzido e existe uma linha de significado que permeia esses verbos. A produção desperta o imediatismo inerente às práticas capitalistas, enquanto o construir se desenvolve com mais tempo e carrega consigo a capacidade de se importar com o outro.

Além disso, no capitalismo precisamos lutar, constantemente, por uma boa posição e construção curricular para termos um “*status* profissional” e sermos valorizados e nos enquadrarmos melhor no mercado de trabalho, por exemplo. No capitalismo, ninguém vale pela essência, e sim pelo currículo e pelo dinheiro que possui para consumir. Então, precisamos consumir e produzir para existir para o capital. Caso contrário, somos invisibilizados como as pessoas em situação de rua.

Diante disso, as cenas e os símbolos da série colocados contra o capitalismo nos impactam e nos causam uma profunda indignação por padecermos as intempéries desse sistema permeado por injustiças sociais. É importante também salientar que “a financeirização é um processo complexo, que se origina de profundas contradições do capitalismo, as quais são

desencadeadas ou reforçadas pelo neoliberalismo, tais como: precarização, desemprego, endividamento crônico e degradação ambiental, dentre outros temas que serão elucidados ao longo desta pesquisa” (Lapyda, 2023).

Por todas essas razões, acreditamos na necessidade de fazermos uma análise cartográfica pautada nas ideias de Deleuze, Guattari (1995, 1996), sobretudo, a crítica ao capital que os autores fazem. Além disso, usaremos também Maingueneau (1997, 1998, 2008, 2013) para analisar as cenas (imagens) e símbolos que aparecem na série e seu contexto sócio-histórico de crítica ao capital, dado que

a produção *La Casa de Papel* tematiza as consequências da financeirização do capitalismo na zona do euro, na Espanha e tece um posicionamento reflexivo acerca do sistema capitalista. Assim sendo, há duas proposições que ambientarão nossa análise, a crítica ao capitalismo inerente à segunda temporada do sexto e sétimo episódios e sua financeirização na quinta temporada do oitavo episódio.

Desse modo, o primeiro capítulo aborda os postulados da Análise do Discurso de Maingueneau (1983, 1984, 1997, 1998, 2008, 2013), apresentaremos a noção de prática discursiva, interdiscurso, formação discursiva, cena e cenografia e ethos. Além dos postulados de Deleuze e Guattari (1995) de rizoma, micropolítica, desterritorialização e reterritorialização concatenados a teoria e exemplificações de trechos da série espanhola *La Casa de Papel*, que contemplem esses postulados.

No segundo capítulo, a análise da série *La Casa de Papel* é utilizada como um meio para explorar a confluência entre a Análise Cartográfica do Discurso e a crítica ao capitalismo. O embasamento argumentativo desse capítulo é que os discursos não são meramente coletados, mas sim produzidos, alinhando-se à perspectiva de Deusdará e Rocha (2021), que desafia a neutralidade tradicional na pesquisa e enfatiza a relação entre teoria e prática. A pesquisa busca desnaturalizar discursos, examinando as marcas linguísticas que compõem as interações sociais, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e subjetividade. A série é analisada como um reflexo das tensões entre individualismo e coletividade, revelando como as narrativas criticam a financeirização da sociedade.

Além disso, a crítica ao capitalismo apresentada na série, exibida em uma plataforma capitalista como a Netflix, gera um paradoxo que provoca reflexões sobre as estruturas sociais contemporâneas. A Análise Cartográfica do Discurso se mostra essencial para desvendar as complexidades das práticas discursivas contemporâneas, permitindo uma crítica detalhada das desigualdades sociais promovidas pelo sistema capitalista.

O terceiro capítulo explora como o conceito de rizoma, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, concatenado à narrativa da série. Os autores argumentam que a realidade é um processo dinâmico de conexões, em que não existem estruturas fixas, mas sim arranjos que emergem a partir de interações diversas. A análise enfatiza a crítica ao capitalismo, mostrando como a “financeirização do capital” se conecta a várias dimensões sociais, como saúde mental e condições de trabalho. Os princípios do rizoma que expressam conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartográfica e decalcomania são utilizados para entender as relações complexas da trama da série, destacando que a realidade é uma construção contínua e que a pesquisa deve seguir essas tramas rizomáticas. Assim, o capítulo conclui que a resistência e a busca por novas conexões são essenciais em um mundo marcado pela injustiça do sistema capitalista.

O quarto capítulo discute a função atencional cartográfica e sua relevância na pesquisa, enfatizando a natureza flutuante e seletiva da atenção. A atenção é vista como um elemento crucial que permite ao pesquisador estar aberto ao inesperado, favorecendo uma receptividade às experiências emergentes no campo de estudo. Segundo Virgínia Kastrup (2007), a função de atenção vai além da simples seleção de informações, alinhando-se ao conceito de atenção flutuante proposto por Freud (1916), que sugere manter a atenção suspensa, sem direcionamento específico, para captar uma gama mais ampla de percepções.

O quinto capítulo analisa a série sob a perspectiva da subjetividade capitalística, conforme a teoria de Félix Guattari. A narrativa da série crítica o sistema financeiro e as estruturas de poder, refletindo como o capitalismo molda identidades e desejos. O professor, protagonista da trama, utiliza o assalto como uma forma de resistência ao sistema econômico opressor, expondo suas falhas por meio de discursos que revelam as injustiças do capitalismo. A obra ilustra várias “linhas de fuga”, ou movimentos de resistência, que desafiam normas sociais econômicas, como as interações entre os assaltantes e os reféns, bem como a liderança feminina representada por personagens como Nairobi. O capítulo conclui que *La Casa de Papel* não apenas retrata a luta contra a financeirização e as medidas de austeridade na Espanha, mas também propõe uma reflexão sobre a possibilidade de singularização e resistência em um contexto dominado pelo capitalismo.

O sexto capítulo explora a aplicação do método cartográfico como uma abordagem inovadora para análise de processos, utilizando a série *La Casa de Papel* como estudo de caso. Baseando-se nas ideias de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), o texto enfatiza a importância de uma inversão metodológica que considera a pesquisa como um encontro entre o pesquisador e o objeto de estudo, promovendo um acompanhamento dinâmico dos processos em vez de uma

mera representação de eventos. A cartografia é apresentada como uma ferramenta que possibilita a observação contínua das transformações dos personagens, das interações entre assaltantes e reféns, da adaptação das estratégias do assalto e da produção de subjetividade. A pesquisa é descrita como um processo que não apenas analisa, mas também altera as posições dos participantes envolvidos, destacando a relação entre pesquisa e intervenção social. O método cartográfico, portanto, revela-se essencial para entender as complexidades narrativas da série, permitindo uma análise mais profunda das dinâmicas sociais e subjetivas em jogo.

O sétimo capítulo analisa a relação entre o capitalismo contemporâneo e sua financeirização, utilizando a série *La Casa de Papel* como um estudo de caso. A entrada da Espanha na União Europeia em 2009 gerou uma crise financeira que provocou intensos protestos e greves contra as medidas de austeridade, refletindo a insatisfação popular explorada como uma crítica ao capitalismo, abordando temas como desigualdade social e resistência ao sistema financeiro. Por meio das teorias de Deleuze e Guattari (1990), há uma discussão sobre o conceito de “capitalismo de controle”, em que o poder se manifesta através da manipulação da informação e do autocontrole, em vez de confinamento físico. Os personagens da série são apresentados como figuras de resistência criativa que desafiam as estruturas de poder, dispondo da informação como forma de controle narrativo.

O oitavo capítulo explora as críticas de Deleuze e Guattari (1995) à Linguística Estrutural, especialmente em relação às teorias de Ferdinand Saussure e Noam Chomsky, propondo uma abordagem alternativa que enfatiza a linguagem como um agenciamento coletivo e dinâmico. Os autores argumentam que a função da linguagem vai além da comunicação, destacando a “palavra de ordem” como um elemento central que organiza e transforma a realidade social. A linguagem é vista como um processo que envolve não apenas regras gramaticais, mas também contextos sociais e culturais, resultando em “línguas maiores” e “língua menores”.

Sendo assim, essas últimas representam vozes marginalizadas que desafiam normas estabelecidas. Diante disso, a análise é conectada à série, em que os personagens usam a linguagem para manipular e criar novas realidades, refletindo a ideia de que a linguagem é um agente ativo na construção de significados. A “palavra de ordem” é empregada para coordenar ações e manter a disciplina, exemplificando como a linguagem pode ser uma ferramenta de controle e resistência social.

O nono capítulo apresenta a análise da série *La Casa de Papel*, focando na crítica ao capitalismo e à financeirização, especialmente no contexto da crise econômica na Espanha. A narrativa gira em torno de um grupo que invade a Casa da Moeda espanhola, liderado pelo

professor, que articula planos para despistar a polícia enquanto imprime dinheiro. A análise se baseia na Análise Cartográfica do Discurso, explorando conceitos de Maingueneau, como prática discursiva e interdiscursividade, além dos postulados de Deleuze e Guattari sobre rizoma e micropolítica. A primeira cena destaca Raquel Murillo, uma inspetora afastada que busca descobrir o esconderijo do professor, simbolizando a luta entre autoridade e moralidade pessoal. A segunda cena revela um confronto entre Raquel e o professor, em que ele critica a financeirização e a desigualdade econômica, desafiando as narrativas tradicionais de bem e mal. A análise enfatiza como esses diálogos refletem as tensões sociais contemporâneas e a complexidade das identidades e discursos envolvidos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA: ALGUNS POSTULADOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Neste capítulo, iremos discutir os fundamentos teóricos que determinam o modelo de Análise do Discurso que está de acordo com nossa visão sobre o tema. Dessa forma, o nosso principal propósito para embasar teoricamente a série consiste em analisar como Maingueneau (1997; 2008) conceitua os termos prática discursiva, interdiscurso (primado do interdiscurso), formação discursiva, cena, cenografia e ethos (Maingueneau, 2001), bem como os postulados de Deleuze e Guattari (1995), conceituando rizoma, micropolítica, desterritorialização e reterritorialização.

Posto isto, o nosso *corpus* de análise se constituirá da segunda temporada de partes do sexto, sétimo e oitavo episódios, que apresentam o foco de nossa pesquisa uma crítica ao capitalismo e sua financeirização. Embora, toda a série seja um manifesto contra o sistema vigente, analisaremos também algumas outras partes de *La Casa de Papel* ao longo desta dissertação. Iremos nos concentrar nesses episódios citados, pois, através deles, podemos observar partes das cenas segmentadas e concatenadas a uma crítica mais explícita ao capital, materializada em um profícuo diálogo entre um dos protagonistas da série, o professor e a inspetora policial Raquel, que tenta descobrir por conta própria quem é o cérebro da operação.

Assim sendo, o nosso *corpus* se estruturará com as seguintes cenas: cena 1 – Raquel é afastada da polícia e tenta descobrir o esconderijo do professor; cena 2 – Raquel após descobrir o esconderijo do professor e ser sequestrada por ele; cena 3 – Tóquio a narradora da série falando acerca dos ideários de luta e de resistência do professor e seu avô e cena 4 - O professor e Berlim cantam a música *Bella Ciao*, uma canção que evoca ideários de luta e resistência.

1.1 Prática Discursiva

Nesta seção, dissertaremos como o conceito de prática discursiva irá permear nossa pesquisa. Tendo em vista que a rede de interação humana só é viável quando associada a outras atividades permitidas nas relações sociais, as quais são estabelecidas por meio de uma prática comunitária que transforma as enunciações em práticas discursivas. Ou seja, as circunstâncias culturais, políticas e educacionais de uma comunidade específica têm um impacto significativo

na materialização da linguagem. Por isso, dependendo das condições de produção, muitos enunciados podem dizer de maneira distintas, isto é, a comunidade social com a qual uma atividade discursiva será conduzida definirá seu direcionamento subjetivo.

Diante dessa proposição, segundo Maingueneau (1989), a noção de prática discursiva se refere à simultânea produção de textos e de uma comunidade discursiva. Em outros termos, a constituição de uma dada comunidade discursiva e a produção textual em que não é possível estabelecer uma relação de causalidade entre elas.

Melhor dizendo, para Maingueneau (1989), a prática discursiva é uma noção que aponta para essa dupla produção que ocorre simultaneamente. Não se trata somente de produção de textos, mas também de produção de uma comunidade que se constitui a partir desses textos.

Dessa maneira, a prática discursiva engloba tanto os textos produzidos quanto a comunidade que se forma em torno deles. Não há precedência de um sobre o outro, mas uma relação de interdependência.

Maingueneau (1989) propõe essa concepção de prática discursiva para pensar a relação entre os textos e suas condições de produção. Diante disso, para Maingueneau (1997, p. 56), o conceito de prática discursiva é imanente a dois elementos:

Por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem a formação discursiva. A comunidade discursiva não deve ser entendida de forma excessivamente restritiva: ela não remete unicamente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida (Maingueneau, 1997, p. 56).

Isto posto, Dominique Maingueneau (1997) define o conceito de prática discursiva como uma atividade que não apenas reflete a realidade social, mas também a constitui. Pois, a prática discursiva envolve a produção de enunciados que seguem um sistema de restrições semânticas e que são comensuráveis com a rede institucional de um grupo.

Em outras palavras, a prática discursiva é vista como uma forma de ação que institui a realidade social e os modos de existência humana. Isso significa que o discurso não é apenas um conjunto de palavras que descrevem o mundo, mas uma atividade que ajuda a formar e transformar essa realidade.

Sintetizando, o conceito de prática discursiva é uma maneira como os discursos são produzidos e reproduzidos dentro de uma comunidade, influenciando e sendo influenciados por ela. Na série, esses conceitos podem ser percebidos na forma como os personagens criam e mantêm narrativas para justificar suas ações e influenciar a percepção do público e dos refêns.

Por exemplo, o professor e sua equipe utilizam discursos para moldar a opinião pública e manter a moral elevada entre os membros do grupo. Em outros termos, o professor usa sua prática discursiva para manipular e convencer os demais personagens, como quando argumenta que o roubo é uma forma de justiça.

1.2 O postulado da interdiscursividade

Nesta seção, iremos tecer considerações sobre o conceito de interdiscurso. O interdiscurso é um dos pilares dos estudos de Análise do Discurso, uma vez que preconiza que não há prática discursiva sem uma ligação direta com outras práticas discursivas. Dessa maneira, nesta seção, vamos nos concentrar nas características e nas conceitualizações que envolvem a interdiscursividade.

A identidade de um discurso está ligada à emergência e à manutenção através do interdiscurso. “A enunciação não se desenvolve sobre a linha de uma intenção fechada; ela é de parte a parte atravessada pelas múltiplas formas de retomada de falas, já ocorridas ou virtuais, pela ameaça de escorregar naquilo que não se deve dizer” (Maingueneau, 1997, p. 26).

Dentro dessa proposição, Maingueneau (1989) enfatiza a ideia de primado do interdiscurso, ou seja, que todo discurso é formado em relação a outros, isto é, não existe um discurso isolado, mas sim um entrelaçamento de vozes e contextos. Essa abordagem fundamenta-se na ideia de que o interdiscurso é um elemento essencial e constituinte do discurso, uma vez que os enunciados são sempre influenciados por um contexto mais amplo de interações discursivas.

Nessa proposição, Maingueneau (1997, p. 113) esclarece que “todo discurso mantém uma relação essencial com os elementos pré-construídos, ou seja, produzidos em outros discursos, anteriores a ele e independentemente dele, considerando apenas a sincronia, a presença do interdiscurso no discurso é inevitavelmente apagada”.

Além disso, Maingueneau (1997) define o interdiscurso como um lugar em que diferentes formações discursivas se encontram e interagem, criando um diálogo complexo. Este diálogo não é uniforme, ao contrário, é marcado pela heterogeneidade, na qual cada discurso é influenciado por outros que o precedem, criando um tecido discursivo rico e multifacetado. A ideia é que “algo disse antes, em outro lugar e independentemente”, demonstrando que o

discurso atual é sempre uma resposta ou um eco de discursos anteriores. Sendo assim, é necessário delimitar uma formação discursiva a partir do seu interdiscurso:

O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos (Maingueneau, 1997, p. 113).

Deste modo, Maingueneau (1989) propõe uma divisão do discurso em três categorias. A primeira é o universo discursivo, que representa o conjunto de formações discursivas que interagem em um contexto específico. A segunda é o campo discursivo, que retrata a área específica onde essas interações ocorrem, permitindo a análise de como diferentes discursos interagem. A terceira é o espaço discursivo, que é um espaço polêmico no qual os discursos se confrontam, permitindo a criação de significados novos a partir do diálogo entre eles. Maingueneau (1983) introduziu os três termos em 1983, ele definiu universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo de forma relacional e da seguinte maneira:

Campo discursivo termo introduzido por Maingueneau juntamente com universo discursivo e espaço discursivo (...) No universo discursivo, isto é, no conjunto dos discursos que interagem em uma dada conjuntura, o analista do discurso é levado a recortar campos discursivos, em que um conjunto de formações discursivas (ou de posicionamentos) estão em relação de concorrência no sentido amplo, delimitando-se reciprocamente: por exemplo, as diferentes escolas filosóficas ou as concorrentes políticas que se defrontam, explicitamente ou não, em uma certa conjuntura, na tentativa de deter o máximo de legitimidade enunciativa. (Maingueneau, 1983, p. 91)

É possível perceber a aplicação de todos esses conceitos de Maingueneau (1989;1997) inerentes à interdiscursividade em *La Casa de Papel*, pois, na série, é possível notar o domínio do interdiscurso nas interações entre os personagens e nas enunciações que expressam as tensões sociais, políticas e ideológicas. Os diálogos entre o Professor e os membros da equipe não apenas revelam suas motivações pessoais, mas também levantam questões mais amplas sobre resistência, poder e moralidade. Cada palavra é uma resposta a um contexto social e histórico, o que demonstra a complexidade do interdiscurso (Maingueneau, 2008).

1.3 Formação Discursiva

Nesta seção, faremos um embasamento sobre o conceito de formação discursiva. Ao longo da discussão, exploraremos como essa noção, inicialmente introduzida por Foucault e posteriormente desenvolvida por Pêcheux e Maingueneau, tornou-se um pilar da Análise do Discurso. Além disso, exploraremos as implicações do conceito de formação discursiva, utilizando a série *La Casa de Papel*.

Perante o exposto, o conceito de formação discursiva foi introduzido por Foucault (1969) e reformulado por Pêcheux (1971) no que diz respeito à Análise do Discurso. Dessa forma, manteve grande instabilidade. Maingueneau (1984) esclarece:

Em função de sua dupla origem, o termo formação discursiva obteve grande êxito, mesmo fora dos trabalhos inspirados pela Escola Francesa. Ele permite, com efeito, designar todo conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa: o discurso comunista o conjunto de discursos proferidos por uma administração, os enunciados que decorrem de uma ciência dada, o discurso dos patrões, dos camponeses etc.; basta postular que, “para uma sociedade, um lugar, um momento definido, somente uma parte do dizível é acessível, que esse dizível forma sistema e delimita uma identidade. (Maingueneau, 1984, p. 242)

A formação discursiva é entendida como uma rede de significados que emerge em contextos sociais específicos. Ela não é estática, mas sim dinâmica, permitindo a reconfiguração contínua dos discursos em resposta a novas condições sociais e históricas. Maingueneau (1984) enfatiza que as formações discursivas são construídas a partir de interações entre diferentes discursos, o que implica uma relação interdiscursiva onde cada enunciado é influenciado por outros. Maingueneau (1984) esclarece:

A maneira pela qual apreendemos as formações discursivas oscila entre uma concepção contrastiva, em que cada uma é pensada como um espaço autônomo que pomos em relação com outros, e uma concepção interdiscursiva, para qual uma formação discursiva só se constitui e se mantém através do interdiscurso. Opomos a formação discursiva como sistema de regras à superfície discursivas, que quer dizer aos enunciados atestados que pertencem a essa formação discursiva. (Maingueneau, 1984, p. 69)

Ele enfatiza a interdiscursividade, ou seja, a ideia de que os discursos não existem isoladamente, mas estão sempre em diálogo com outros discursos. Isso significa que uma formação discursiva é influenciada por outras formações discursivas, criando um campo complexo de interações.

A formação discursiva é entendida como uma rede de significados que emerge em contextos sociais específicos. Ela não é estática, mas sim dinâmica, permitindo a reconfiguração contínua dos discursos em resposta a novas condições sociais e históricas. Maingueneau (1984) enfatiza que as formações discursivas são construídas a partir de interações entre diferentes

discursos, o que implica uma relação interdiscursiva onde cada enunciado é influenciado por outros.

O conceito de formação discursiva tem implicações significativas para a Análise do Discurso, pois desafia a visão tradicional de um discurso como uma entidade. Em vez disso, sugere que o discurso é um fenômeno aberto e em constante transformação, refletindo as dinâmicas sociais em que está inserido. Essa abordagem amplia o escopo da análise do discurso, permitindo a inclusão de uma variedade maior de contextos e tipos de discurso.

Esse conceito pode ser exemplificado na série *La Casa de Papel*, na formação discursiva centrada na crítica ao sistema capitalista e na luta contra a desigualdade social. Os personagens, liderados pelo professor, articulam um discurso que justifica suas ações como uma forma de resistência e busca por justiça social em um mundo marcado por profundas desigualdades.

Em resumo, a formação discursiva segundo Maingueneau (1984) é um conceito vital para entender como os discursos se constroem, se transformam e se relacionam dentro de contextos sociais complexos.

1.4 Cena e cenografia

Nesta seção, abordaremos a noção de cena de enunciação que é outro postulado importante para nossa análise, pois a noção aparece dentro do nosso *corpus* empregada com a situação de comunicação. Contudo, Maingueneau (1993, 1998, p. 96), ao falar de “cena de enunciação”, pontua que a enunciação acontece em um espaço instituído, ou seja, o gênero do discurso. Além disso, é importante considerar a natureza construtiva do discurso que se apresenta em cena.

Dessa maneira, esses conceitos são de suma importância para as nossas análises, dado que eles possibilitam que o gênero discursivo, concatenado às cenas da enunciação da série mobilize o telespectador a mudar suas convicções diante dos discursos apresentados pelos personagens.

De acordo com Dominique Maingueneau (1993;1998, p. 96), a cena de enunciação é composta por três níveis:

Cena englobante: corresponde ao tipo de discurso, como o discurso político, religioso, publicitário, etc. É o nível mais amplo que enquadra o discurso.

Cena genérica: refere-se ao gênero de discurso, como um sermão, uma entrevista, um editorial, etc. Estabelece um espaço estável no qual o enunciado faz sentido. Cenografia é o tipo de cena de fala que o discurso supõe para ser enunciado. Não é um quadro fixo, mas surge gradualmente no discurso. A cenografia legitima um enunciado, ao mesmo tempo em que é legitimada por ele. (Maingueneau, 1998, p. 96)

Portanto, a cenografia é a cena de fala que o discurso cria para se legitimar, apoiado na memória coletiva. Ela se manifesta no decorrer do discurso e mantém uma certa distância do coenunciador para controlar o seu efeito.

1.5 Ethos

Nesta seção, discutiremos o conceito de *ethos*, conforme apresentado por Maingueneau (1998), vai além da mera persuasão. Em outros termos, o *ethos*, para Maingueneau (1998), não é apenas um meio de persuadir, mas sim uma peça fundamental para a adesão de indivíduos a determinadas posições discursivas.

Diante disso, Maingueneau (1998) conceitua o *ethos* como a imagem que o enunciador projeta de si mesmo no discurso, influenciando a forma como o público percebe e reage ao discurso. Ele argumenta que essa imagem é determinada pela situação de comunicação e pode variar de acordo com o contexto e os objetivos do enunciador. Para Maingueneau (1998):

Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em Análise do Discurso, em que se refere às modalidades verbais de apresentação de si na interação verbal. O enunciador deve legitimar seu dizer: em discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca a sua relação a um saber. No entanto, ele não se manifesta, somente como um papel e um estatuto, ele se deixa apreender também como uma voz e um corpo. O *ethos* se traduz também no tom, que se relaciona tanto ao escrito quanto ao falado, e que se apoia em uma “dupla figura do enunciador, aquela de um caráter e de uma corporalidade. O *ethos* assim definido se desenvolve, em relação à noção de cena de enunciação. (Maingueneau; 1998, p. 220)

Maingueneau (1998) também salienta que o *ethos* não é uma escolha consciente, mas algo que surge naturalmente da interação entre o enunciador e o público. Ele também apresenta a ideia de que diferentes técnicas podem ser empregadas para a construção do *ethos*, de acordo com as necessidades e expectativas do público.

Em síntese, o *ethos* é uma construção complexa que vai além das palavras ditas, envolvendo uma série de elementos que juntos formam a imagem do enunciador no discurso.

1.6 Rizoma

Nesta seção, iremos abordar o conceito de rizoma criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) para descrever sistemas de pensamento e organização que não seguem uma estrutura hierárquica linear. Ao contrário de uma árvore com um tronco central, o rizoma se espalha horizontalmente, permitindo múltiplas ligações e ramificações em qualquer direção. Isso representa uma ideia de multiplicidade e interconexão, em que não há um ponto de partida ou um centro fixo. Para Deleuze e Guattari (1995), num rizoma há princípios de conexão e heterogeneidade:

Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore linguística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeia biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 15)

Dessa maneira, o rizoma é uma imagem do pensamento que se opõe à estrutura arbórea e hierárquica. Algumas das características-chave do rizoma são: conexões múltiplas e heterogêneas, ausência de centro ou hierarquia, crescimento e expansão por meio de conexões, linhas de fuga desterritorialização, ruptura a-significante, sem significado pré-estabelecido.

O rizoma é um sistema aberto, em constante movimento, que se expande por meio de conexões transversais. Ele compreende as linhas de segmentaridade que o estratificam e o territorializam, mas também linhas de fuga e desterritorialização.

Assim sendo, o conceito de rizoma, conforme descrito por Deleuze e Guattari (1995) pode ser exemplificado na série *La Casa de Papel* na estrutura da resistência. Ou seja, a organização dos personagens não segue uma hierarquia rígida. Embora, o professor seja o líder, cada membro do grupo tem um papel crucial e a capacidade de tomar decisões independentes. Isso reflete a natureza rizomática, na qual não há centro fixo, mas sim uma rede de conexões e interações.

1.7 Micropolítica

Nesta seção, abordaremos o conceito de micropolítica, que refere-se às pequenas práticas de poder e resistência que ocorrem em diferentes esferas da vida social. Deleuze e Guattari (1995) empregam o termo para descrever como as relações de poder se manifestam e são questionadas em níveis microscópicos, como nas interações pessoais e nas dinâmicas de pequenos grupos, ao contrário da macropolítica, que lida com estruturas de poder mais amplas e institucionalizadas. Para Deleuze e Guattari (1996), “tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p 90)

Contudo a micropolítica, é aquela que escapa e não está em uma escala macro. “Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 94).

Diante disso, a micropolítica passa por processos de desterritorialização, de criação de novos agenciamentos e conexões que escapam aos poderes estabelecidos. Ela atua em níveis de afeto, encontros e relações de força.

Portanto, podemos ilustrar o conceito de micropolítica na série *La Casa de Papel* nas interações entre os assaltantes e os reféns, pois são um campo fértil para a micropolítica. Os assaltantes tentam manter o controle através do medo e da manipulação, enquanto os reféns, por sua vez, encontram maneiras sutis de resistir e negociar melhores condições para si mesmos.

1.8 Desterritorialização e Reterritorialização

Nesta seção, trataremos do conceito, que descreve o processo pelo qual algo é descontextualizado ou removido de seu ambiente original. Na filosofia de Deleuze e Guattari (1995), desterritorialização pode se referir à perda de identidade ou de um sentido de lugar, seja termos físicos, culturais ou simbólicos. É um movimento de ruptura que desafia as fronteiras estabelecidas. A desterritorialização é o movimento de abertura, de fuga, de criação de novas conexões. Como declara Deleuze (1989, p. 4), “[...] o território só vale em relação a um movimento através do qual dele se sai”. E segue: “[...] não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”.

Deleuze e Guattari (1992) nomeiam desterritorialização a forma como saímos de um território, “a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização in loco pelo qual ultrapassa todo o território: ela é desterritorializante e desterritorializada” (Deleuze, Guattari, 1992, p. 110). Ou seja, um processo de construção e desconstrução em um imanente processo de criação de novos territórios. Como declaram Deleuze e Guattari (1995, p. 238), “a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território”. O processo de

desterritorialização nunca é simples, mas sempre ocorre de maneira múltipla, pois “a desterritorialização nunca é simples, mas sempre múltipla e composta” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 239).

Já a reterritorialização é o processo complementar à desterritorialização, em que algo é recontextualizado ou reintegrado em um novo ambiente ou contexto. Após a desterritorialização, ocorre uma adaptação e uma nova configuração de identidade ou sentido de lugar. Este conceito é crucial para entender como as culturas, identidades e territórios se transformam e se reconstróem continuamente. Em resumo, podemos esclarecer de acordo com as proposições de Guattari e Rolnik (1986, p. 323):

A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante. O capitalismo é um bom exemplo de sistema permanente de reterritorialização: as classes capitalistas estão constantemente tentando “recapturar” os processos de desterritorialização na ordem de produção e das relações sociais. Ele tenta, assim, controlar todas as pulsões processuais (ou phylum maquínico) que trabalham a sociedade. (Guattari; Rolnik, 1986, p. 323)

Dessa maneira, Deleuze e Guattari (1997) enfatizam que a reterritorialização não é apenas uma recuperação do que foi perdido, mas sim uma criação de novos espaços e possibilidades.

Em resumo, o processo de reterritorialização segundo Deleuze e Guattari é uma resposta dinâmica à desterritorialização, em que novos territórios são constantemente criados em resposta às mudanças sociais, culturais e políticas.

1.9 Análise Cartográfica do Discurso

Nesta seção, abordaremos o conceito de Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021) e alguns de seus princípios concatenados ao contexto do capital e sua financeirização na série espanhola *La Casa de Papel*.

Segundo os autores (Deusdará; Rocha, 2021), três importantes conceitos permeiam à área dos estudos discursivos: discurso, interdiscurso e prática discursiva. Há diferenças diante das proposições desses conceitos:

Os três conceitos circulam intensamente em nossa área, com definições variadas, que em alguns casos, chegam a ser tomadas como divergentes. Apenas um exemplo: consideramos bastante diferentes a proposição de que a prática discursiva seja circunscrita à prática de produção verbal e inserida como parte de uma prática social, tida como mais geral e abrangente, e a de que a prática discursiva englobe ela própria e produção de textos e a produção de uma comunidade de sustentação desses textos. Há, entre elas, uma diferença de fundo não desprezível, que mobiliza uma compreensão acerca de relação entre o linguageiro e o social, configurando-se como critério determinante em nossa busca por diálogos e intercâmbios conceituais. (Deusdará; Rocha, 2021, p. 51)

Maingueneau (2008) também confirma essa tríade (discurso, prática discursiva e interdiscurso) como indissolúvel. O presente autor não define o discurso como uma sequência de palavras, mas inclui uma série de elementos como o contexto de produção, os interlocutores, os objetivos comunicativos e as formas de organização textual. Dessa maneira, concluímos que o discurso é um fenômeno social e histórico, marcado pelas condições de produção e pelas relações de poder. Ou melhor, nas palavras do autor:

Tomando em sua acepção mais ampla, aquela que ele tem precisamente na Análise do Discurso, esse termo designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados. Nesse emprego, discurso não é susceptível de plural dizemos o discurso, o domínio do discurso, etc. Por supor a articulação da linguagem sobre parâmetros de ordem não linguística, o discurso não pode ser o objeto de uma abordagem puramente linguística (Maingueneau, 1996, p. 43).

Já o conceito de prática discursiva surge no final dos anos 60 na Análise do Discurso francófona, suscitando a produção simultânea de textos e de uma comunidade em um processo dinâmico interativo, no qual os sujeitos produzem e são produzidos pelos discursos. Em outras palavras, essa prática envolve a produção simultânea de textos e a constituição de comunidades discursivas.

Deste modo, o discurso é visto como uma forma de ação que não apenas representa a realidade, mas também intervém nela, refletindo uma relação entre linguagem e o contexto social. Maingueneau (1984), afirma que:

A prática discursiva quando se trata de apreender uma formação discursiva como inseparável das comunidades discursivas que a produzem, de seu modo de emergência e de difusão: a formação discursiva é, então, pensada, num mesmo movimento, como conteúdo, modo de organização dos homens e rede específica de circulação dos enunciados (Maingueneau, 1984, p. 154).

Dentro desse contexto, o conceito de interdiscurso se insere e Maingueneau o conceitua como discursos heterogêneos que se cruzam e se entrelaçam em um determinado enunciado. Ou seja, o interdiscurso não é algo externo ao discurso, mas sim sua própria condição de existência. “A enunciação não se desenvolve sobre a linha de uma intenção fechada; ela é de parte a parte atravessada pelas múltiplas formas de retomada de falas, já ocorridas ou virtuais, pela ameaça de escorregar naquilo que não se deve jamais dizer” (Maingueneau, 1997: 26).

Diante disso, o conceito de interdiscurso é central na obra de Maingueneau. Ele refere-se ao conjunto de discursos que interagem entre si dentro de um determinado contexto. Para o autor, o interdiscurso é dividido em três níveis: universo discursivo, campo discursivo e espaço

discursivo. O universo discursivo é marcado por um conjunto heterogêneo de formações discursivas que interagem em uma conjuntura específica. O campo discursivo é o conjunto de formações discursivas em concorrência, delimitadas por temas ou áreas específicas. Já o espaço discursivo é o subconjunto do campo que conecta pelo menos duas formações discursivas relevantes para a análise.

Assim sendo, a articulação entre discurso, interdiscurso e prática discursiva revela um sistema dinâmico onde o sentido é construído através das interações. Para Maingueneau (1989), “o sentido é um mal-entendido sistemático e constitutivo do espaço discursivo” (Maingueneau, 1989, p. 120). Ainda, para o autor, o discurso, o interdiscurso e a prática discursiva estão intrinsecamente ligados em um sistema onde cada elemento influencia e constrói o outro.

Dessa maneira, recuperando o que dizem os autores Deusdará e Rocha (2021), esses estudos de linguagem supracitados podem atualizar a contemplação das práticas de uma sociedade. Ainda, segundo Deusdará e Rocha (2021), “à linguagem não cabe apenas a condição de rerepresentar um social anterior a ela, mas também (ou principalmente) possibilitar a inscrição das subjetividades no mundo”. (Deusdará; Rocha, 2021, p. 51).

Os autores ainda defendem que a linguagem pode atualizar a observação das práticas de uma sociedade ao mapear e analisar as práticas discursivas que permeiam os contextos sociais. Dessa forma, eles acreditam que, ao cartografar essas práticas, é possível compreender melhor as dinâmicas sociais e institucionais, revelando como os discursos moldam e são moldados pelas condições sociais. Perante o exposto, Deusdará e Rocha (2021) afirmam:

[...] ao campo dos estudos discursivos como lugar do qual se poderá observar – verbo que, nesse contexto, é certamente intercambiável com “avaliar e posicionar-se a respeito de” – as práticas de uma sociedade, posto este que nos possibilitará uma perspectiva inédita sobre questões como subjetividade, sentido etc. Não há dúvida de que esse posto, pensado a partir das questões levantadas aqui, interroga toda uma trajetória de cortes disciplinares que se impuseram à tríade sujeito-linguagem-mundo. O esforço intelectual subjacente ao projeto saussureano passa, entre outros aspectos, por operar com ferramentas que dicotomizam a relação de um linguístico apartado do sócio-histórico e dos usos de um sujeito, compondo uma versão dos estudos da linguagem que se pretendeu afirmar como “a” linguística [...] (Deusdará e Rocha, 2021, p. 93).

Essa proposição permite uma análise mais profunda e contextualizada das práticas sociais, destacando a interação entre texto e contexto, e a produção de subjetividade através das práticas institucionais. Ou seja, os autores abordam a linguagem sob uma perspectiva que busca atualizar a observação das práticas sociais através da Análise Cartográfica do Discurso. Essa abordagem é fundamentada na ideia de que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um elemento ativo na construção de significados e na formação de identidades sociais.

Além disso, Deusdará e Rocha (2021) propõem que a Análise do Discurso deve ir além da simples interpretação de textos, considerando as condições sociais, históricas e ideológicas que influenciam a produção de sentido. Eles destacam que a linguagem é um fenômeno social que reflete e molda as práticas e relações de poder na sociedade.

Consequentemente, a Análise Cartográfica do Discurso é uma metodologia que permite mapear as relações entre diferentes discursos e suas interações dentro de contextos específicos. Essa asserção ajuda a identificar como os discursos se articulam e se confrontam, revelando as dinâmicas de poder e resistência presentes nas práticas sociais.

Diante da exposição dos principais conceitos que norteiam a Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021), analisamos as cenas da segunda temporada, que ocorrem na série, não apenas representando objetos, pois essas cenas se manifestam com interações repletas de simbologia à crítica ao capital. Sendo assim, a Análise Cartográfica do Discurso nos auxiliará como uma abordagem que busca a compreensão e complexidade das práticas discursivas e suas implicações sociais.

Em suma, nesta pesquisa a Análise Cartográfica do Discurso desempenhará um papel dinâmico que considera suas múltiplas dimensões e funções dentro da sociedade, utilizando essa análise como uma ferramenta para entender as complexas interações entre discurso, poder e resistência.

2 NOSSA IMPLICAÇÃO: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O CAPITAL

Neste capítulo, exploraremos a complexa relação entre a Análise Cartográfica do Discurso e a crítica ao capitalismo, utilizando como objeto de estudo a série *La Casa de Papel*. Desse modo, buscamos mapear as dinâmicas discursivas, as complexas interações entre poder, subjetividade e financeirização. Ao enfatizar que “*corpus* não são coletados, são produzidos”, alinhamos nossa pesquisa à perspectiva proposta por Deusdará e Rocha (2021), que desafia a visão tradicional de neutralidade na pesquisa e destaca a interconexão entre teoria e prática. Assim, este capítulo não apenas analisa as críticas da série, mas também reflete o papel do pesquisador, ou seja, nossa implicação como parte integrante do campo de estudo, promovendo uma compreensão mais profunda das relações de poder e subjetividades que permeiam as práticas discursivas contemporâneas.

A nossa relação com esta pesquisa se orienta na busca de desnaturalizar discursos, examinando as marcas linguísticas e não linguísticas que compõe as interações. Dessa maneira, utilizamos a Análise Cartográfica do Discurso para mapear as dinâmicas discursivas, permitindo uma compreensão mais profunda das relações de poder e das subjetividades em jogo. Um dos conceitos centrais dessa metodologia é que “*corpus* não são coletados, são produzidos”, enfatizando a produção ativa de significados em contextos específicos.

Por essa razão, a nossa intenção é produzir esse *corpus* de acordo com essa perspectiva, e não simplesmente coletá-lo. Desse modo, estamos ancorados nas proposições, dos autores Deusdará e Rocha (2021):

Com efeito, uma diferença que precisa ser levada em conta diz respeito à distância que separa a coleta de um *corpus* versus a produção de um *corpus* de pesquisa. É preciso ressaltar que não se trata apenas de dar nomes distintos à tarefa de delimitação de materialidade a ser investigada. Nessa etapa do trabalho do pesquisador se atualizam as estratégias e os dispositivos que colocam em cena a tensão acerca da vinculação do pesquisador com a experiência à qual dedica sua investigação. Na visão tradicional, que circula formulada de diferentes modos, nos espaços universitários, o interesse pelas etapas metodológicas é acompanhado de um investimento no apagamento das relações que vinculam o pesquisador ao campo, à instituição de pesquisa, aos grupos sociais envolvidos nos fenômenos estudados, entre outras relações. (Deusdará e Rocha, 2021, p. 151)

Ainda, segundo Deusdará e Rocha (2021), rejeitar os termos coleta de dados ou coleta de *cópus* não significa apenas encontrar um novo nome para mesma atividade. O objetivo é promover uma visão de prática científica que se opõe à tarefa de neutralizar ou apagar a complexa relação entre o pesquisador e o campo de estudo. Essa abordagem está enraizada em uma perspectiva que não separa o conceitual do metodológico, nem o teórico do prático. Em

um movimento recíproco, toda teoria é uma prática frente ao mundo e toda prática envolve uma teorização em ação, em um ato de compreensão.

Portanto, essa produção do *corpus* inerente à processualidade nos orienta a entendermos conceitos imanentes à Análise Cartográfica do Discurso preconizada por Deusdará e Rocha (2021):

[...] a designação “coleta de dados” ou “coleta de *corpus*” não significa buscar afirmar nas expressões que usamos uma concepção de prática científica que recusa a inglória tarefa de neutralização/apagamento de complexa vinculação do pesquisador com o campo de investigação. Funda-se, assim, em uma atitude que não separa o conceitual do metodológico, o teórico do prático. Em uma via de mão dupla, toda prática supõe uma teorização em ato, em uma processualidade contínua entre fazer e conhecer. (Deusdará; Rocha, 2021, p.151)

Além disso, nossa relação com Análise Cartográfica do Discurso também ocorreu, quando tivemos o primeiro contato com os textos de Deusdará e Rocha (2021). Assim sendo, a partir desse momento, percebemos o potencial dessa abordagem para desvendar as camadas de significados presentes nos discursos. Desse modo, essa metodologia não apenas ampliou nossa capacidade analítica, mas também despertou um interesse genuíno por uma criticidade detalhada das práticas discursivas.

Perante o exposto, partindo para as nossas implicações diante da vigente pesquisa suscitamos a aplicação dessa metodologia para analisar como a série retrata e critica as estruturas capitalistas contemporâneas. A exibição de tais críticas em uma plataforma ampla como a Netflix pode provocar reflexões e debates entre os espectadores, que podem questionar as práticas e estruturas do capitalismo moderno e suas implicações. Assim, uma crítica ao capitalismo em uma plataforma capitalista como a Netflix revela uma nuance contraditória. Em essência, é um reflexo da própria capacidade do capitalismo de absorver e comercializar críticas contra ele mesmo.

Dessa maneira, por meio da Análise Cartográfica do Discurso, é possível identificar como os discursos presentes na narrativa da série refletem e contestam a financeirização da sociedade, revelando as tensões entre o individualismo e a coletividade. Portanto, a nossa dissertação utilizou a Análise Cartográfica do Discurso para desmembrar os discursos de resistência e subversão presentes na série. A abordagem permitiu identificar como os personagens e suas ações são representações discursivas das críticas ao sistema financeiro global. Adicionalmente, a interdiscursividade presente na série foi explorada, evidenciando as conexões e influências.

Posto isto, a Análise Cartográfica do Discurso se revelou não apenas uma metodologia eficaz, mas também imprescindível para a compreensão das práticas discursivas contemporâneas. Nossa relação com essa abordagem, fortaleceu nossa capacidade de análise crítica e aprofundou nosso entendimento das dinâmicas discursivas no desenvolvimento da dissertação: “*La Casa de Papel*: Uma crítica ao capitalismo e sua financeirização por uma perspectiva da Análise Cartográfica do Discurso”.

Sintetizando, a série com seu enredo envolvente e crítica explícita ao capitalismo, ofereceu um campo fértil para tecer um mapeamento dos discursos que criticam a financeirização e as desigualdades sociais promovidas por esse sistema. Dessa forma, a Análise Cartográfica do Discurso desvendou as camadas complexas de significados e críticas embutidas nas narrativas da série. Por isso, a série se torna um espelho das contradições do mundo moderno: enquanto denuncia as injustiças do capitalismo, ela também prospera dentro dele, desafiando os espectadores a refletirem sobre suas próprias posições dentro desse sistema.

3 UMA PERSPECTIVA RIZOMÁTICA EM LA CASA DE PAPEL: CONEXÕES NA TRAMA

Neste capítulo, investigamos as conexões e complexidades inerentes ao conceito de rizoma em *La Casa de Papel*. Dito isso, precisamos apresentar, precipuamente, esse conceito e necessitamos voltar a origem dos conceitos pautados por dois pensadores, o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari, que se encontram na década de 1960. Nessa obra, escrita em conjunto com Félix Guattari, o problema é abordado a partir dos conceitos de máquina desejante e *socius*, tendo como cerne a crítica à sociedade capitalista.

E é nessa perspectiva, que faremos uma introspecção na aliança de Guattari com Deleuze sobre o conceito de rizoma, cuja função é conectiva, ou seja, para eles, a realidade não é algo exterior, e sim um processo de produção em que não há um mundo pronto, e sim um mundo criado nas ligações. E essas relações estabelecem padrões, configuram estruturas, contudo, as estruturas não são universais, pois, de repente, de algo que parece fechado em si mesmo é construída uma nova conexão, isto é, um novo arranjo, que abri a possibilidade de uma invenção na estrutura.

Dessa maneira, Deleuze e Guattari (1995) não irão negar as estruturas e nem os paradigmas. Porém, irão fazer menção à realidade enquanto processo, a realidade enquanto conexão, que para eles é agenciamento maquínico. Portanto, declaram que:

O que chamamos de maquínico é precisamente essa síntese de heterogêneos, enquanto tal. Visto que esses heterogêneos são matérias de expressão, dizemos que sua própria síntese, sua consistência ou sua captura, forma um enunciado, uma enunciação propriamente maquínica. As relações variadas nas quais entram uma cor, um som, um gesto, um movimento, uma posição, numa mesma espécie ou em espécies diversas, formam outras tantas enunciações maquínicas (Deleuze; Guattari, 1997, p. 143).

Essa concepção de agenciamento maquínico de Deleuze e Guattari (1995), por sua vez, diz respeito ao acoplamento de um conjunto de relações materiais a um sistema de signos correspondentes.

Consequentemente, a noção de agenciamento é constituída pela expressão (agenciamento coletivo de enunciação) e pelo conteúdo (agenciamento maquínico) (Deleuze; Guattari, 1995). Algo novo é produzido através de elementos e de propriedades distintas espacial e temporalmente. Assim, tudo que emerge, inclusive nossas noções de verdade, são possíveis na trama rizomática e nas produções de realidade, que construímos estando juntos.

Posto isto, podemos entender, através desses pressupostos, que o rizoma, para Deleuze e Guattari, é a trama da realidade.

No livro *Mil Platôs (capitalismo e esquizofrenia)*, Deleuze e Guattari (1995) irão propor alguns princípios do rizoma, que são muito significativos. O primeiro e segundo princípios são os da conexão e da heterogeneidade, isto é, o rizoma conecta e conecta coisas extremamente distintas e dispersas.

Nessa pesquisa, faremos uso desse princípio, pois a “financeirização do capital” faz conexão com o sistema financeiro, com a perspectiva de futuro de jovens no mercado de trabalho, degradação das condições da população, saúde mental, com sonhos de futuro, práticas neoliberais, intensificação da exploração da força de trabalho, dentre outros. Todas essas relações fazem com que a “financeirização do capital na Espanha”, em 2009 não seja um fato isolado, e sim um processo em rede.

Dessa forma, pensar sobre o processo de financeirização e os movimentos de resistência para além do poder hegemônico financeiro implica considerar esse processo como uma ação instituinte, isto é, um processo que envolve forças produtivas-desejantes-revolucionárias que têm tendência a criar instituições ou alterá-las como parte de um devir.

Portanto, podemos exemplificar que os movimentos sociais populares de resistência contra o poder do capital instituído são rizomáticos, ou seja, estão em uma trama, que fazem emergir o novo, potencializando novas formas de vida.

Sendo assim, não há um ponto central no rizoma visto que é uma trama, ele é potencialmente conexão e produção constante de novos arranjos. Os dois princípios anteriores irão desencadear no terceiro princípio da multiplicidade que são as dimensões de um rizoma, quanto maiores as conexões, maiores serão as dimensões.

Entendemos, com esse princípio, um agenciamento no crescimento das métricas de diversidade, que inevitavelmente mudarão à medida que a rede de relações inerente ao processo do capital financeirizado, aumentar.

O quinto e sexto princípios estão concatenados à cartografia e à decalcomania, visto que são redes e processos que se conectam, consequentemente, no rizoma há um mapa. A cada encontro, cada arranjo surge um mapa singular. A partir dessas constatações, podemos inferir que a realidade não é algo acabado.

Assim, é necessário mapear as relações desse mundo inerentes aos processos, porque há sempre novos surgimentos, perspectivas e situações desafiadoras. Dessa maneira, existem possibilidades de produção de um novo mundo, pois o mundo não está pronto, ou seja, não está acabado e a realidade é rizomática.

Então, não teríamos “a verdade”, e sim “efeitos de verdade”, que nos constroem. Esse princípio é imanente à realidade de crítica ao capitalismo retratada na série, pois há sempre produções e perspectivas nas cenas de uma realidade que não está acabada e surge sempre possibilidades novas diante dos desafios enfrentados pelo professor e pelo grupo de assaltantes.

Diante disso, essa pesquisa cartográfica conjectura uma concepção de realidade, isto é, abandonamos o conceito de realidade como representação prognóstica. Por consequência, há uma representação da realidade dentro de nossos conhecimentos e práticas, existe uma tentativa de representá-la através de uma perspectiva, portanto há uma reapresentação da realidade. O mundo muda e precisamos seguir as conexões para entendermos que tipos de mundo são produzidos num sistema tão injusto como o capitalismo. Enfim, como apresentado na série, precisamos de resistência para continuarmos a seguir novas conexões.

Por tudo isso, fazer pesquisa cartográfica é seguir a malha desses rizomas, acompanhando também a trama dessas conexões. O primeiro elemento para se fazer uma pesquisa cartográfica é entender que a realidade é maquinica, agenciamento, conexão e não está pronta. Dessa forma, seguimos as tramas de um rizoma sem saber aonde chegaremos e, sobretudo, não teremos acesso à realidade, pois, na pesquisa cartográfica, a realidade é uma produção e não um estado.

Em razão disso, a pesquisa cartográfica é sempre feita a partir do pesquisador. Pois, o pesquisador habita diferentes territórios, na perspectiva de transformar para compreender, como na produção de conhecimento através de pesquisas participativas do tipo pesquisa-intervenção. É nessa conjuntura que Rolnik (1989) conceitua que:

A cartografia nesse caso acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros (...). Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo. (Rolnik, 1989, p. 15-16)

Além disso, na pesquisa cartográfica, é considerado o sujeito, ou seja, o objeto e o pesquisador estão unidos na mesma experiência, o conhecimento é considerado como criação e a pesquisa é entendida como intervenção, de acordo com Romagnoli (2009), o que dista dos métodos tradicionais, que preceituam a neutralidade na pesquisa e a separação e distanciamento entre o pesquisador e o objeto.

4 FUNÇÃO ATENCIONAL CARTOGRÁFICA

Neste capítulo, discutiremos a importância da função atencional cartográfica e suas implicações na pesquisa. A atenção é caracterizada por sua capacidade de ser tanto seletiva quanto flutuante, permitindo que o pesquisador mantenha uma abertura para o inesperado e uma receptividade às diversas experiências que emergem no campo de estudo.

Dessa forma, um conceito importante para nossa pesquisa, que está na base das discussões cartográficas, segundo Virgínia Kastrup (2007), é a função de atenção, que não é a mera seleção de informações. Melhor dizendo, a ideia é que, por trás da construção do conhecimento por meio do método cartográfico, existe um tipo de funcionamento da atenção que foi parcialmente descrito por S. Freud (1912/1969) com o conceito de atenção flutuante. A partir do uso desse princípio, bem como de referências do campo das ciências cognitivas contemporâneas, o objetivo é analisar a primeira etapa de nossa pesquisa.

O segundo ponto é a atenção, por ser um processo complexo, pode desempenhar diversas funções: seletiva ou flutuante, focada ou desfocada, concentrada ou dispersa, voluntária ou involuntária e combinando voluntariamente. De acordo com Kastrup (2005), “as atitudes atencionais coexistem de direito, embora elas ganhem organizações e proporções distintas na configuração de diferentes políticas cognitivistas” (Kastrup, 2005, p. 15).

Sendo assim, de acordo com Kastrup (2007), há dois tipos de políticas cognitivistas a realista e a construtivista. A realista se define como apropriar-se de um mundo que fornece informações prontas para serem compreendidas, já a construtivista toma o mundo como uma invenção, como um combinado do agente de conhecimento. Desse modo, realismo e construtivismo não são meras posições abstratas, porém concebem atitudes investigativas diversas evidenciadas em distintas atitudes atencionais.

Dessa maneira, infere-se que a atenção cartográfica é flutuante com o predomínio da atenção seletiva. Nesse sentido, de acordo com Freud (1912/1969) há um destaque para a atenção flutuante, pois há uma recomendação em seus estudos a não direcionar a atenção de modo específico e em permanecer com ela suspensa.

Assim sendo, para Freud (1969) quando fixamos a nossa atenção, podemos negligenciar outros pontos das proposições expostas. Na atenção suspensa, a proposta freudiana é prestar atenção igual a tudo, porque assim nossa atenção estará aberta e sem um foco específico equalizando de forma coerente a visão do analista.

Em outras palavras, a concentração sem foco, aberta, que se prepara, portanto, para o acolhimento do inesperado. Portanto, a atenção se traduz nos encontros e no acolhimento, e sobretudo, de forma fragmentada e sem sentido iminente.

Ainda para Kastrup (2007) há: “pontas de presente, movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso”. Assim sendo, surge uma solução ou resposta para o problema; outras experiências evoluem e irão requerer tratamentos em separado. Na pesquisa cartográfica, portanto, existe uma atitude atencional de ativa receptividade.

Diante disso, para realizar uma análise atencional das enunciações das cenas da série *La Casa de Papel*, segundo a autora Virgínia Kastrup (2007), é importante considerar alguns conceitos-chave da ciência cognitiva e da análise atencional. Por exemplo, devemos identificar as enunciações que os personagens principais como o professor, Tóquio e Berlim, articulam suas falas e ações. A atenção deve ser dada às suas estratégias, motivações e interações. Já nas cenas narrativas concatenadas à ação dos enunciados, a identificação deve ser pautada nos pivôs narrativos, como os momentos de planejamento do assalto, confrontos com a polícia e interações entre reféns e assaltantes. Em seguida, uma enunciação que ilustra esses conceitos retirada da série: “Professor: - Sejam todos bem-vindos e obrigado por aceitarem essa oferta de trabalho viveremos aqui isolados do mundo em ruínas. Cinco meses que passaremos aqui estudando como vamos dar o golpe”.

Há outro procedimento importante para uma análise atencional, o mapeamento atencional concatenado ao fluxo de atenção, ou seja, devemos mapear como a atenção dos personagens e do espectador é direcionada ao longo das cenas. Por exemplo, durante um assalto, a atenção pode variar entre a tensão dos reféns, a tática dos assaltantes e a resposta da polícia.

Além disso, outro adendo importante no processo atencional, é a análise das enunciações de poder, ou seja, como o discurso dos personagens reflete relações de poder e de resistência. Podemos exemplificar isso, por meio do personagem professor que usa o seu discurso para manter o controle sobre a situação e para motivar sua equipe. Aqui, está o conteúdo dos enunciados retirados de cenas da série para ilustrar as proposições ditas neste parágrafo: "Lembrem-se, cada um de vocês é uma peça fundamental neste quebra-cabeça. Se um de nós falhar, todo o plano está em risco. Precisamos confiar uns nos outros e seguir o que foi planejado. A calma e a disciplina são nossas melhores aliadas. Vamos mostrar a eles do que somos capazes!" Esse tipo de diálogo é característico do professor, que sempre busca inspirar e unir sua equipe, mesmo em momentos de tensão e de incerteza. Ele enfatiza a importância do trabalho em equipe e da confiança mútua, elementos cruciais para o sucesso do assalto.

Em resumo, com base na atenção do cartógrafo relacionada à *La Casa de Papel*, teríamos a criação de um mapa dinâmico que representa como a atenção é distribuída e redirecionada ao longo da história. Esse mapa auxilia a compreender as estratégias narrativas e as dinâmicas de poder presentes na série.

Apesar da teoria de atenção suspensa de Kastrup (2007), ser um atributo fundamental para um cartógrafo, não é suficiente para o pesquisador munir-se de ferramentas metodológicas, porque, a principal posição, para Deleuze e Guattari (1990), que ele deve adotar é tanto epistemológica quanto existencial. Assim, buscamos, nesta pesquisa cartográfica relacionar o processo de financeirização aos múltiplos processos de produção de realidade e seus regimes de verdade, seguindo as linhas das composições, acompanhando os processos dessa realidade inerentes ao sistema capitalista, que a sua financeirização produz.

Desse modo, a cartografia se manifesta ao seguir as linhas que definem a diversidade de uma experiência existencial, porque o relevante numa pesquisa de intenção cartográfica não seria o instrumental metodológico em si, mas sim a aceitação de uma perspectiva ético-estética ao experienciarmos a realidade.

Diante disso, para Deleuze (1991), a realidade tornar-se-á um conjunto de forças heterogêneas e complexas, para além do condicionamento social e econômico. Como praticantes de mundos e cartógrafos da realidade, falamos e pensamos dentro das dobras dos agenciamentos maquínicos que nos permitem viver. Ao nível de uma dobra, toda a produção de realidade está organizada em modos específicos de existir e de conceber um mundo

5 LINHAS DE FULGA: RESISTÊNCIA E SUBJETIVIDADE CAPITALÍSTICA

O capítulo em questão traçará como a série *La Casa de Papel* por meio da lente teórica de Félix Guattari, reflete a complexidade da subjetividade capitalística e suas implicações na sociedade contemporânea. A obra, que se destaca por sua crítica ao sistema financeiro e às estruturas de poder, serve como um campo fértil para discutir como as forças econômicas moldam identidades e desejos individuais.

Posto isto, a série *La Casa de Papel* aborda uma variedade de temas complexos, como já mencionamos nos parágrafos supracitados de críticas ao capitalismo e à sociedade contemporânea, que podem ser analisados usando a perspectiva da subjetividade capitalística, conceito cunhado por Guattari (1996). Argumenta Rolnik (1996):

Segundo Guattari (1996), o sufixo "ístico" foi adicionado ao termo capitalista. Ele fez isso porque sentiu que precisava criar um termo que pudesse designar não apenas as sociedades capitalistas, mas também setores do "terceiro mundo" ou do "capitalismo periférico", como as economias socialistas dos países do leste que vivem em uma relação de dependência do capitalismo. Além disso, essas sociedades não mostram diferenças significativas na produção de subjetividade, de acordo com Guattari (1996). Ambos operariam de acordo com uma economia libidinal-política e uma cartografia do desejo social. (Rolnik, 1996, p. 15)

No entanto, não há uma menção explícita na série sobre esse conceito. Desse modo, Guattari (1996) diz que a subjetividade capitalística se refere à forma como o capitalismo molda e captura a subjetividade das pessoas, influenciando suas identidades e desejos. Isso é evidente nas motivações dos personagens da série, principalmente no professor, que planeja o assalto como uma forma de resistir ao sistema econômico opressor.

Um exemplo, dessa materialidade discursiva é quando o professor discute os motivos por trás do assalto, mencionando como o sistema financeiro é injusto e como ele deseja expor as falhas inerentes a esse sistema. Esse tipo de discurso pode ser considerado uma crítica à produção de subjetividade no mundo capitalista, no qual as forças econômicas e sociais moldam as pessoas. Segue os enunciados do professor em *La Casa de Papel*, que exemplificam os ditos supracitados, suas razões para o assalto e críticas ao sistema financeiro:

“No ano de 2011, o Banco Central Europeu criou do nada, 171 bilhões de Euros, do nada. Igual ao que a gente está fazendo, só que muito mais. 185 bilhões em 2012. 145 bilhões de Euros em 2013. Sabe onde foi parar todo esse dinheiro? Nos bancos, direto da Casa da Moeda, para os mais ricos. Alguém disse que o Banco Central Europeu foi um ladrão? Não! Injeção de liquidez, foi o que disseram. E fizeram do nada, do nada. Então, ele ao mostrar uma nota de 50 Euros para ela pergunta: – O que é isso? Isso não é nada, é papel – rasgando a nota – É papel, está

vendo? É papel! Eu estou fazendo uma injeção de liquidez, mas não nos bancos. Eu estou fazendo aqui, na economia real”. Esses enunciados refletem a visão do professor sobre a injustiça do sistema financeiro e sua intenção de expor suas falhas através do assalto.

Desta maneira, os modos de produção capitalísticos, de acordo com Guattari (1996) não se limitam a registrar valores de troca, valores que estão relacionados ao capital, às semióticas monetárias ou aos modos de financiamento. Eles também funcionam através de um controle da subjetividade, que chamaríamos de "cultura de equivalência" ou "sistemas de equivalência na esfera da cultura".

Sob essa perspectiva, o capital funciona de forma complementar à cultura, enquanto conceito de equivalência: o capital se ocupa da sujeição econômica, enquanto a cultura se ocupa da sujeição subjetiva. A sujeição subjetiva não se limita à publicidade para a produção e consumo de bens. A essência do lucro capitalista não se limita à maximização da vantagem competitiva, mas também à tomada de poder pela subjetividade. Ou seja, a natureza do lucro capitalista, não pode ser reduzida ao campo da mais-valia econômica, pois é também tomada de poder através da subjetividade.

O objetivo principal desta grande máquina capitalista é assegurar uma atividade hegemônica em todas as esferas. Em outras palavras, que seja favorável ao *status quo*. Um contraponto a esse favorecimento, de acordo com os critérios inerentes à cartografia, seria um modo de criatividade que promova uma subjetividade única. Ou seja, uma singularidade existencial que esteja associada a um desejo, à vontade de construir um mundo em que nos encontremos, através da instauração de dispositivos para modificar os paradigmas existentes.

Para nos auxiliar nessa compreensão, Suely Rolnik (1996), conceitua a proposição de subjetividade capitalística como uma cultura com uma vocação universal inerente aos meios de comunicação de massa e à subjetividade. Esta dimensão é crucial para a construção da força coletiva de trabalho e para a criação da força coletiva de controle social. No entanto, apesar desses dois grandes objetivos, ela está disposta a tolerar territórios subjetivos que estão fora da cultura dominante. Para isso, é necessário estar liberto do capitalismo imperante. Ainda sobre a subjetivação capitalística, a autora aponta que:

Tudo que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. As sociedades “arcaicas”, que ainda não incorporaram o processo capitalístico, as crianças que ainda

não integradas ao sistema, ou as pessoas que estão nos hospitais psiquiátricos e que não conseguem (ou não querem) entrar no sistema de significação dominante têm uma percepção dos valores e das relações sociais seja caótica. São outros modos de representação do mundo, sem dúvida muito importantes para as pessoas que deles se servem para poder viver, mas não só para elas: sua importância poderá se estender a outros setores da vida social, numa sociedade de outro tipo (Rolnik, 1996, p.27).

De acordo com Deleuze (1993), esses sistemas de representação, de sensibilidade são sistemas que não estão relacionados às categorias naturais universais, uma vez que o lucro econômico, inerente ao capitalismo, é, essencialmente, a produção de poder subjetivo. Isso não significa uma visão idealista da realidade social: a subjetividade não se limita ao campo individual, ela está presente em todos os processos de produção social e material.

Dessa forma, no capitalismo, as modalidades podem diversificar de acordo com o país ou a camada social, por meio de uma dupla opressão, respectivamente, econômica e social. E foi justamente isso que ocorreu na Espanha, opressões no campo social e econômico devido à imposição de medidas de austeridade e como consequência disso uma “financeirização” do sistema capitalista, que trouxe precarização à vida das pessoas.

Portanto, as medidas de austeridade como premissa para entrada da Espanha na zona do euro produzem um controle cada vez mais despótico sobre os sistemas produtivos e de vida social da população. Todo esse descontentamento e empobrecimento do povo espanhol produz uma série de implicações negativas, tais como: escassez de crédito, trabalho precarizado, política salarial baixa, redução do poder de compra, ausência de serviço público, eliminação das leis trabalhistas, privatizações, redução dos gastos públicos, dentre outros.

Observamos, com isso uma rede rizomática (Deleuze; Guattari, 1995) de sentidos. Sendo assim, as medidas de austeridade eram e continuam sendo um processo complexo na Espanha composto por elementos materiais e ideológicos. Desse modo, existe um claro impedimento de processos de singularização, isto é, a criatividade nos campos social é aniquilada. Por consequência, o Estado capitalista espanhol assegura o acúmulo de capital e imposições comportamentais aos trabalhadores, isto é, trabalhe mais e consuma menos bens materiais.

Além disso, uma classe trabalhadora fraca e dócil é mais conveniente, uma vez que a manipulação e a não reivindicação por políticas redistributivas favorecem mais os investidores. Os sindicatos deixam de fazer alterações nesta estrutura coercitiva em benefício de uma causa maior, a manutenção do emprego dos trabalhadores. Eis aqui um sintoma de linhas de fuga, conforme propõe Gilles Deleuze (1980).

As linhas de fuga, conforme propostas por Gilles Deleuze (1980), referem-se a movimentos de escape ou resistência que desafiam estruturas estabelecidas e criam novas

possibilidades de existência. Em *La Casa de Papel*, podemos identificar várias cenas que exemplificam esses movimentos. O plano do professor para assaltar a casa da moeda é uma linha de fuga. Ele cria uma estratégia que desafia o sistema financeiro e a autoridade estatal, buscando não apenas o lucro, mas também uma forma de expor as falhas do sistema capitalista.

A relação entre Tóquio e Rio é um outro exemplo de linha de fuga. Eles buscam uma relação verdadeira e intensa em meio ao caos do assalto, desafiando as normas e as expectativas de comportamento em uma situação tão extrema.

Já Nairobi, em diversos momentos, assume uma postura de liderança e empoderamento, especialmente quando assume a liderança na produção de dinheiro. Sua atitude representa uma fuga das expectativas tradicionais de gênero e poder.

Além disso, há a resistência dos reféns, pois em diversos momentos, eles tentam fugir ou subverter o controle dos assaltantes. Essas tentativas de fuga representam movimentos de resistência contra a opressão e o controle.

Em síntese, esses exemplos mostram como os personagens de *La Casa de Papel* constantemente buscam formas de escapar e resistir às estruturas opressivas, criando novas possibilidades de existência e ação.

Dentro dessa proposição, segundo Deleuze (1998), uma fuga não significa necessariamente uma renúncia às ações, porque não há nada mais ativo que uma fuga. “É o oposto do que se imagina. É o mesmo que fugir, não necessariamente os outros, mas fazer algo, como arrebentar um tubo. Fugir é traçar uma linha, linhas, uma cartografia” (Deleuze, 1998, p. 47).

Dessa forma, linhas de fuga são de suma importância no sistema capitalista, que tem como base o lucro em benefício da ideia de liberdade de mercado. Sendo assim, é imprescindível a percepção desses sistemas de modelização e de formação da subjetividade. De acordo com Rolnik (1996), é como se a ordem social necessitasse de sistemas de hierarquia inconsciente, escalas de valor e sistema de disciplinarização.

Isto posto, na série *La Casa de Papel*, é possível notar traços de resistência que aparecem como enunciação, entre as posições minoritárias de resistência e as posições dominantes, como proposto por Suely Rolnik (1996). Podemos destacar, quatro exemplos caracterizados na série.

O primeiro é o discurso do professor, que apresenta uma ênfase crítica ao sistema financeiro e à desigualdade social. A sua fala desafia as posições dominantes do capitalismo e do poder estatal, apresentando uma narrativa de resistência e de justiça social.

O segundo é a relação entre os assaltantes e os reféns: em diversas situações, os reféns tentam resistir ao controle dos assaltantes, enquanto os assaltantes se opõem à autoridade

policial. Essa dinâmica cria um espaço de fala no qual as posições de poder são constantemente negociadas e desafiadas.

O terceiro é o empoderamento de mulheres: personagens como Nairobi e Tóquio representam posições minoritárias que resistem às normas de gênero e de poder. Nairobi, por exemplo, é uma líder que desafia as expectativas tradicionais, enquanto Tóquio, frequentemente, questiona e confronta as decisões do professor.

O quarto é a própria existência do grupo de assaltantes, pois é uma forma de resistência coletiva. Eles se unem para desafiar o sistema dominante, criando uma nova narrativa de poder e de solidariedade.

Esses exemplos demonstram como *La Casa de Papel* articula discursos de resistência e poder, refletindo as complexas dinâmicas sociais e políticas que Rolnik (1996) analisa. Ou seja, são sistemas que conferem uma consistência subjetiva e abrem um campo de valorização social, no qual as diferentes pessoas e camadas sociais terão que se situar. A valorização das singularidades.

Diante disso, percebemos que a totalidade precisa se encaixar nas referências dominantes, isto é, há uma tentativa de eliminar processos de singularização. Nesta série, como já dito, os personagens resistem ao sistema e lutam contra o capitalismo e, sobretudo, sua financeirização no contexto social e econômico concatenado às medidas de austeridade, que fizeram a Espanha entrar em recessão. Enfim, o que observamos na singularização é realmente um processo dinâmico, portanto, com a capacidade de nos fazer resistir as atmosferas adversas e segmentar nossa luta.

Assim sendo, esse deve ser o espírito que move um cartógrafo de atrevimento singular que deve caracterizar os novos movimentos sociais com originalidade e sem subserviência ao sistema. Precisamos perceber os elementos da situação para que possamos construir nossas próprias referências práticas e teóricas.

Além disso, os movimentos de resistência geram devires, recusando os limites constituídos, podendo gerar uma realidade revolucionária. Em outros termos, não precisamos ficar subservientes ao poder global, mas sim questionarmos o poder estabelecido, ou seja, necessitamos de uma atitude desviante.

Para isso, é fundamental uma introspecção com liberdade para vivermos nossos próprios processos de singularização e, sobretudo, uma profunda contestação ao sistema e isso deve ser feito com muita propriedade de si, emanada por uma força vital e como diriam Deleuze e Guattari (1995) oriunda de um “desejo libidinal” movente para nos tornarmos potências singulares de existência.

Por isso, o desejo é o que nos move e cria agenciamentos capazes de estabelecer e reestabelecer conexões em uma trama sem fim na qual não há começo, porque todos os processos emanam de conexões. Além disso, Deleuze (1990) quer construir o conceito de desejo através de uma visão que é o “plano de imanência”. Para isso as duas inspirações deleuzianas para noção de desejo foram Espinosa em que ele irá retirar o conceito de *conatus*, ou seja, que a natureza é desejante e tudo se movimenta pelo desejo e a importância que esse desejo tem na manifestação do afeto no corpo. A segunda inspiração está em Nietzsche, que vai retirar a ideia de vontade de potência. Ou seja, as coisas, os corpos, principalmente, os seres humanos se movimentam por um excesso de potência, por uma vontade de impor sua existência, de situar-se no mundo. Como resultado, para ele o movimento é aquilo que se expande e se afirma.

Desse modo, o desejo é, sobretudo, aquilo que nos põe no mundo, que nos movimenta e nos realiza. Portanto, é produção e expansão na realidade e da realidade, pois é a única coisa que existe. Afinal, é o próprio desejo que constrói a realidade. Assim, tudo aquilo que está em nós que parece ser uma falta é uma produção de falta. Dessa maneira, os mecanismos de poder necessitam de manipular ou controlar o desejo para nos controlar.

Uma máquina social vai inserir as nossas máquinas desejantes, isto é, um recalçamento propriamente dito. O termo máquina sempre se refere a uma produção. Em outras palavras, há uma produção social, uma produção desejante e não há uma formação social que não opere sem um recalçamento no desejo.

A máquina social capitalista (sistema vigente) se apropria da produção desejante e insere uma reprodução social, que é a reprodução do poder do capital. Dessa forma, ocorre uma axiomatização que apresenta relevância para o mercado, pois toda produção é para o mercado. Ou seja, axiomatizar é integrar tudo para um único mercado que existe, que é o mercado capitalista. Não existe uma evolução linear da história capitalista, já que os nossos desejos devem ser integrados a essa máquina social do capital para continuar havendo a reprodução das esferas de poder.

Nesse sentido, nossas cartografias devem criar atividades e explorar oportunidades no sistema de subjetividade singular, resistindo a dominação econômica. Esses embates terão visibilidade política e, com isso, questionaram a ordem estabelecida como formas mais autênticas de existência.

6 CARTOGRAFIA COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA: ACOMPANHANDO PROCESSOS EM LA CASA DE PAPEL

Neste capítulo, veremos o método cartográfico inerente à pista que nos orienta em nossa análise, acompanhando os processos. De acordo com os autores Passos, Kastrup e Escóssia (2009) no livro “Pistas do Método da Cartografia”, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*.

Em outras palavras, o *hódos-metá* é uma inversão metodológica, para uma pesquisa não ser constituída num início fictício, mas sim de um encontro do pesquisador com o objeto. Essa reconfiguração possibilita acompanhamento dos processos. E o que isso significa? O significado é que a vida íntima do pesquisador está ligada ao objeto estudado, sendo impossível separá-las. Por essa razão, o processo é tão importante, pois é dele que se produz o *córpus* e é nele que nossa pesquisa se desenvolve.

Contudo, segundo os autores Passos, Kastrup e Escóssia (2009), isso não significa renunciar ao rigor, porque precisão não é entendida como exatidão, mas como compromisso e interesse, implicação com a realidade e intervenção.

Desse modo, a cartografia, como perspectiva metodológica, acompanha processos. Eis, então, “[...] o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos; Kastrup; Escócia; 2009, p.10). Portanto, a análise em cartografia está concatenada com outras abordagens de pesquisa e intervenção, baseadas em uma variedade de procedimentos que permitem a análise de implicações e, portanto, a participação na pesquisa. Como resultado da análise, as posições dos participantes da pesquisa são alteradas. Dentro dessa proposição, Barros e Kastrup argumentam:

Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima de pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial. (Barros; Kastrup, p. 56)

Dessa forma, o método cartográfico é uma maneira entusiasta de submetermos uma pesquisa, pois, ao compartilharmos o processo de pesquisar conexões na rede, acreditamos que a prática de acompanhar processos estará relacionada às práticas de construção do conhecimento social.

Portanto, seguimos a pista 3 de Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup (2009, p.53), que descrevem “[...] a pesquisa cartográfica como acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”. Ao compartilharmos aqui o progresso do pesquisar elos na rede, acreditamos que a ação de acompanhar processos será percebida através de uma introspecção, fruto da dinâmica do sistema capitalista e seus axiomas, que submetem as práticas coletivas.

Por conseguinte, inerente à pista três, nossa pesquisa se concentra na busca de um processo, que se manifesta pela existência de um padrão de funcionamento das economias na qual a acumulação de riquezas se dá, de forma preponderante, por meios financeiros e não através das atividades produtivas (indústria, comércio e agricultura).

Ou seja, a pista três do método da cartografia, que se mobiliza no acompanhamento de processos, é uma ferramenta interessante para analisar a série *La Casa de Papel*. Deste modo, o método enfatiza a observação contínua e a compreensão dos processos em desenvolvimento, ao invés de apenas representar objetos ou eventos isolados.

Analizamos, quatro maneiras observando as cenas da série dessa abordagem. A primeira é o acompanhamento dos personagens, por exemplo, em *La Casa de Papel*, os personagens evoluem significativamente ao longo da trama. A cartografia pode ajudar a mapear essas transformações, observando como suas motivações, relações e comportamentos mudam ao longo do tempo.

A segunda forma mostra uma complexa dinâmica de grupo entre os assaltantes e os reféns. A cartografia pode ser usada para acompanhar como essas relações se desenvolvem e se transformam, identificando momentos-chave de tensão e resolução.

A terceira maneira é o plano do assalto ser um processo em constante adaptação. A cartografia pode auxiliar a entender como as estratégias são formuladas, ajustadas e executadas, acompanhando as decisões e ações dos personagens em resposta aos desafios que surgem.

A quarta é a produção de subjetividade, já que a cartografia também se interessa pela produção de subjetividade, ou seja, como as experiências e interações moldam a percepção e a identidade dos personagens. Isso pode ser aplicado para analisar como os personagens de *La Casa de Papel* lidam com o estresse, a moralidade e a lealdade. Barros e Kastrup (2009) declaram acerca da subjetividade que:

[...] a engenhosidade científica não se caracteriza pela raridade ou falta de resolução de problemas, mas é abundante e positiva. A natureza inventiva coloca a ciência em constante movimento de mudança, não apenas repetindo suas reivindicações, mas criando problemas e exigindo práticas de pesquisa originais. Nesse contexto, surge a proposta de um método cartográfico com o desafio de desenvolver práticas de

rastreamento dos processos de invenção e de geração de novas subjetividades (Barros; Kastrup, p. 52).

Em síntese, essa abordagem permite uma análise mais profunda e dinâmica da série, indo além da superfície dos eventos para entender os processos subjacentes que moldam a narrativa.

7 O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E SUA FINANCEIRIZAÇÃO



Fonte: Disponível em: www.izquierdarevolucionaria.net. Acesso em: 04 ago. 2021.

Neste capítulo, exporemos a entrada da Espanha na União Europeia, que desencadeou uma crise financeira e várias manifestações ocorreram no período iniciado em 2009. As principais centrais sindicais espanholas convocaram a população em 57 cidades do país. O protesto contou com o apoio de diversos partidos da oposição, como o Partido Socialista. Os manifestantes protestavam contra o governo, que estaria disposto a aumentar os cortes, aumentar o desemprego e reduzir a proteção social (Disponível em: www.g1.globo.com Acesso em: 04 ago. 2022).

Além disso, milhões de pessoas estavam em greve para protestar contra as medidas de austeridade dos governos europeus em resposta à crise econômica na região. Centenas de voos foram suspensos, fábricas e portos foram fechados e o movimento de trens quase parou na Espanha. Os sindicatos organizaram a sua primeira greve geral coordenada, de 24 horas, para protestar contra os cortes nos gastos públicos (Disponível em: www.g1.globo.com Acesso em: 04 ago. 2022).

As lideranças sindicais do país sustentam que as medidas de austeridade adotadas para lidar com a crise apenas aumentaram a pobreza e agravaram os problemas regionais (Disponível em: www.g1.globo.com Acesso em: 04 ago. 2022).

Todos esses acontecimentos darão forma aos discursos que irão se materializar na série *La Casa de Papel* através de uma inscrição da história recente espanhola e das condições sociais no tecido da língua. A construção discursiva da série envolve contexto histórico, que influencia a sua forma e conteúdo na construção da narrativa, que caracteriza os personagens principais, que executam papéis de heróis, anti-heróis e vilões, acarretando a empatia de telespectadores, mesmo que os atos morais sejam considerados condenáveis.

Além disso, *La Casa de Papel* apresenta uma abordagem crítica ao capitalismo, sua financeirização e à desigualdade social, utilizando uma narrativa de um assalto à Casa da Moeda da Espanha “com uma cenografia, que legitima a situação de enunciação” (Maingueneau, 1998) em oposição ao capital. A série também aborda temas como a luta por justiça social, crise econômica, resistência ao capitalismo, criança em situação de vulnerabilidade social e uma crítica ao sistema econômico atual.

Diante disso, as críticas ao capital apresentadas nesta série ocultam algumas ideias que estão de acordo com as abordagens de Marx, Deleuze e Guattari. Embora os autores em questão apresentem distinções, eles se complementam de forma inovadora em algumas aproximações teóricas sobre o capitalismo. Por essas razões, utilizamos mais de uma perspectiva teórica para fazer uma crítica com mais integralidade sobre um sistema tão complexo quanto o capitalismo. Perante o exposto, há uma entrevista, concedida à Toni Negri (1990), em que Deleuze (1990) faz a seguinte afirmação:

Creio que Félix Guattari e eu, talvez de maneiras diferentes, continuamos ambos marxistas. É que não acreditamos numa filosofia política que não seja centrada na análise do capitalismo e de seu desenvolvimento. O que mais nos interessa em Marx é a análise do capitalismo como sistema imanente que não para de expandir seus próprios limites, reencontrando-se sempre numa ampliada, porque o limite é o próprio capital. (Deleuze, 1990, p. 212)

Por meio dessa afirmação de 1990, constatamos que Deleuze e Guattari (1990) nunca deixaram de focar suas reflexões teóricas e críticas no capitalismo e sua transformação histórica. Os autores enfatizaram que o capitalismo não é uma formação social estática e que pode ser compreendida através de categorias a-históricas. Contudo, é uma formação que tem uma história própria de desenvolvimento e, por isso, a filosofia política deve ser capaz de elaborar conceitos que permitam expressar essas mudanças de forma crítica.

Portanto, esta é uma entrevista relevante devido ao diagnóstico que Deleuze (1990) apresenta sobre o capitalismo contemporâneo. Ele também destaca o surgimento de novas formas de poder e subjetivação. Apontando que, se, no passado, o capitalismo se baseava em confinar as pessoas em instituições como escolas e hospitais, hoje em dia, a tecnologia de poder se baseia mais no controle e circulação, em vez de confinamento. Isso se reflete na educação, no trabalho, e nas formas de produção e de distribuição de mercadorias.

Esse regime de controle efetua uma separação entre educação e trabalho, entre tempo de trabalho, formação e lazer. A lógica empresarial baseada no "salário por mérito" e na

competição faz com que todos se tornem "empresários de si mesmos", afetando todas as esferas e eliminando a distinção entre escola e empresa, formação e trabalho.

Assim sendo, Deleuze (1990) observou que nas sociedades de controle, não existe mais a necessidade de confinamento físico. Em vez disso, o controle é exercido através de modulações contínuas e de ajustes que afetam todos os aspectos da vida cotidiana, como o uso de cartões eletrônicos que podem permitir ou negar acesso em determinados espaços. Dessa maneira, nas sociedades de controle o poder é exercido de maneira mais difusa e contínua, por meio de mecanismos de vigilância e comunicação instantânea.

Essa teoria do capitalismo de controle de Gilles Deleuze (1990) pode ser percebida nas dinâmicas de *La Casa de Papel*, especialmente na forma como a série retrata o controle social, a manipulação e a resistência.

Em seguida, são destacados alguns pontos relevantes dessa ligação. Características do capitalismo de controle deleuziano (1990) apresentadas na série: autocontrole, fluxos de informações e desterritorialização

Autocontrole pode ser caracterizado da seguinte maneira: em vez de serem impostas regras rígidas de controle, os indivíduos são incentivados a se autocontrolar, o que se reflete em *La Casa de Papel* através das interações entre os personagens, que frequentemente precisam regular suas próprias emoções e ações para atingir os objetivos do plano.

Já o fluxo de informações, no capitalismo de controle baseia-se na fluidez e na mobilidade das informações. Na série, a comunicação entre os membros do grupo e com o mundo externo é crucial, demonstrando como a informação é uma forma de poder que pode ser manipulada para controlar a narrativa.

A desterritorialização é analisada por Deleuze como um processo de deslocalização do controle, no qual os limites tradicionais são desfeitos. Isso fica claro em *La Casa de Papel*, quando os personagens operam fora das normas sociais e legais, criando novos territórios de resistência e ação.

Dessa forma, percebe-se que a série aborda a resistência ao controle do sistema financeiro e estatal, refletindo a crítica de Deleuze (1990) ao capitalismo contemporâneo. Os assaltantes, liderados pelo professor, são uma forma de resistência criativa que desafia as estruturas de poder existentes. Eles manipulam as regras do jogo, utilizando o controle da informação e a autorregulação para alterar a ordem estabelecida.

Podemos observar tudo isso através de exemplos da própria série, como a manipulação da mídia. Ou seja, a utilização estratégica da mídia pelos personagens para moldar a percepção

pública e criar empatia é uma forma de controle da narrativa, de acordo com a ideia de que o controle moderno se dá através da informação e da comunicação.

Outro exemplo, são as dinâmicas de poder, isto é, relações de poder entre os personagens, em que cada um deve se controlar e também controlar os outros, eles refletem a ideia de que o controle na sociedade atual é menos baseado na coerção e mais na gestão de relações e desejos.

Sintetizando, a teoria de controle deleuziana em *La Casa de Papel*, observamos que o capitalismo de controle de Deleuze (1990), demonstra de forma eficiente, como as dinâmicas de poder e de resistência se manifestam em um contexto atual, no qual o controle é mais amplo e baseado na manipulação da informação e na autorregulação.

Além desses axiomas, imanentes ao capitalismo de controle na proposição deleuziana na série, há outras enunciações, relacionadas às críticas de Gilles Deleuze (1990) ao capitalismo na série *La Casa de Papel*. Nessa pesquisa, iremos nos ater a algumas.

A primeira proposição que analisamos de Deleuze e Félix Guattari (1990) é a crítica ao capitalismo, que captura e controla nossos desejos e sentimentos. Em *La Casa de Papel*, falamos sobre o sistema financeiro e o poder do dinheiro. Os assaltantes fabricam seu dinheiro na Casa da Moeda para subverter o sistema capitalista, questionando a legitimidade do dinheiro e do poder.

A segunda proposição analisada, relacionada a Deleuze (1990), é o valor dado a resistência e a subversão contra a opressão. Os personagens de *La Casa de Papel* são símbolos da luta contra um sistema corrupto e opressor. Eles não são apenas ladrões, mas também desafiam a ordem e inspiram a reflexão sobre justiça e moral.

A terceira proposição, imanente a Deleuze (1990), enxerga o desejo como uma força criativa que pode ser reprimida pelo capitalismo. Em *La Casa de Papel*, os assaltantes são movidos por objetivos pessoais e coletivos que ultrapassam o simples ganho financeiro. Eles desejam liberdade, justiça e, em muitos casos, uma nova vida, o que retrata a ideia de Deleuze (1995) de que o desejo pode ser uma força de transformação social.

Esses axiomas demonstram que *La Casa de Papel* pode ser entendida como uma narrativa que ilustra algumas das críticas de Deleuze e Guattari (1990) ao capitalismo, utilizando a trama do assalto para questionar e desafiar o sistema econômico e social vigente.

Um outro adendo importante na crítica ao capitalismo, de acordo com Maeso (2020), é a dialética na relação entre Deleuze e Marx. Pois, apesar de vivermos em outro momento histórico que dista ao marxista, o capitalismo continua a se autodestruir e criar condições de sobrevivência. Se as formas de trabalho, emprego, subjetividades e exploração da natureza

foram alteradas ao ponto de parecer que não é mais possível pensar o capitalismo da mesma maneira, um axioma central permanece: a busca por gerar capital a partir do próprio capital.

Posto isto, essa é uma de nossas bases, uma vez que a financeirização é um processo que gera capital a partir do próprio capital. Ou seja, de acordo com as proposições acerca da financeirização de Lapyda (2023), o capitalismo contemporâneo é definido por fluxos de dinheiro desregulados e sem lastros, que correspondem a um processo de acumulação especulativo, por exemplo, na compra e venda de ações de um processo de produção.

Perante o exposto, esses conceitos imanentes a uma crítica do capital e sua financeirização são também expostos, na série através de cenas da enunciação (Maingueneau, 1993), mobilizadas pelo protagonista da série, o personagem professor aborda a financeirização, justamente, como cerne de uma desaprovação ao capital, sobretudo, o financeiro. E é nesse cenário, que nos concentramos na abordagem de Marx.

Marx (1883) critica a distribuição desigual de renda no capitalismo, no qual o dono do meio de produção recebe uma parte maior do que foi produzido em relação aos trabalhadores. Isso gera uma concentração de riqueza nas mãos dos mais ricos, enquanto os mais pobres não têm acesso ao mesmo nível de recursos.

Na série *La Casa de Papel*, essa desigualdade é questionada, já que os assaltantes buscam redistribuir o dinheiro roubado da Casa da Moeda para a população, o que gera simpatia por parte do público. A ideia é de que todos devem ter acesso à riqueza de forma igualitária, e não apenas os privilegiados. Esse questionamento sobre a distribuição de renda e a luta por uma justiça financeira são temas centrais na série, que provocam reflexões sobre as desigualdades presentes na sociedade.

Diante disso, através da série podemos também traçar distinções e interseções dos princípios de Deleuze, Guattari e Marx. Por exemplo, há distinções relacionadas à crítica ao capitalismo, pois Marx repudia, sobretudo, a exploração da classe trabalhadora e a alienação do trabalho.

Por outro lado, Deleuze e Félix Guattari, criticam o capitalismo por sua capacidade de capturar e de controlar desejos e subjetividades. Ambos consideram o capitalismo um sistema que transforma tudo em mercadoria, inclusive os desejos humanos.

Diferenças inerentes ao desejo e à produção, o foco de Marx está na produção material e nas relações de produção. Ele analisa como os trabalhadores são explorados para gerar mais-valia, que é apropriada pelos capitalistas. Por outra perspectiva, Deleuze apresenta o conceito de "máquinas desejantes", que compreendem o desejo como uma força produtiva. De acordo

com Deleuze e Guattari, o capitalismo captura e direciona esses desejos para manter o funcionamento.

Diante dos conceitos de alienação e subjetividade, Marx descreve a alienação do trabalhador, que perde o controle sobre o produto de seu trabalho e, conseqüentemente, sobre sua vida. Deleuze analisa como o capitalismo interfere na subjetividade, moldando desejos e identidades de acordo com as necessidades do mercado. Ele percebe a alienação não somente no ambiente de trabalho, mas em todas as esferas da vida.

Com relação à resistência e a transformação social, Marx propõe que a revolução proletária seja uma forma de superar o capitalismo e de estabelecer uma sociedade sem classes. Sob outro enfoque, Deleuze enfatiza a resistência através da criação de novas formas de vida e de subjetividade que escapem da exploração capitalista. Ele tem, como prioridade, a criatividade e a subversão como formas de resistência. Essas distinções demonstram que as críticas de Deleuze e de Marx ao capitalismo podem ser complementares, cada um apresentando uma visão única sobre como o sistema capitalista afeta tanto a estrutura econômica quanto a subjetividade humana.

Posto isto, as críticas de Deleuze, Guattari (1995) e Marx (1883) podem ser exploradas para compreender o capitalismo apresentado na série televisiva *La Casa de Papel*. Cada um desses pensadores apresenta uma perspectiva única que, quando combinada, fornece uma análise ampla das estruturas capitalistas e das dinâmicas sociais que elas geram.

Desse modo, a partir das distinções de Marx (1883), Deleuze e Guattari (1995) chegamos, a proposições complementares muito interessantes para a nossa análise de crítica ao capitalismo e sua financeirização retratada na série. A série televisiva *La Casa de Papel* pode ser considerada um exemplo disso, uma vez que os personagens, em busca de liberdade e autonomia, são forçados a se submeter a um sistema que os oprime e os transforma em meros instrumentos para a obtenção de lucros.

Uma síntese das propostas apresentadas por Deleuze e Guattari são uma crítica que se opõe à dialética tradicional de Marx. Em "O Anti-Édipo", apresenta-se o conceito de desejo como o motor do capitalismo, argumentando que o capitalismo não apenas explora o trabalho, como também molda os desejos e subjetividades das pessoas. Os autores sustentam que o capitalismo é uma máquina que produz e controla desejos, o que leva à esquizofrenia social, na qual as pessoas são consumidas pelas suas próprias aspirações e medos.

Por essa razão, definiremos as convergências com *La Casa de Papel* e os pensadores supracitados. Na luta contra o sistema, os personagens tentam desafiar o sistema financeiro, o que pode ser interpretado como uma forma de resistência à alienação e à exploração. Essa luta

está de acordo com a crítica de Marx sobre a necessidade de uma revolução que rompa com as estruturas de poder existentes. Ao mesmo tempo, a forma como os personagens se deixa levar pelas suas próprias motivações e desejos reflete a análise de Deleuze e de Guattari sobre a produção de subjetividades dentro do capitalismo.

A série também demonstra a dialética entre o desejo e a resistência. Embora os personagens sejam motivados pelo desejo de liberdade e justiça, muitas vezes são envolvidos em ciclos de violência e de traição, o que pode ser interpretado como uma manifestação da "esquizofrenia" que Deleuze e Guattari (1990) descrevem. A luta deles contra o sistema financeiro é, portanto, uma busca pela autonomia e uma luta contra as forças que moldam seus desejos e ações.

A análise conjunta de Deleuze, Guattari (1995) e Marx (1883) do capitalismo fornece uma lente poderosa para analisar *La Casa de Papel*. A série não apenas apresenta a luta contra a opressão capitalista, como também explora as complexas dinâmicas de desejo e da alienação que envolvem a experiência humana dentro desse sistema. A interação dessas teorias revela que a resistência pode ser tanto uma luta contra as estruturas externas quanto uma luta interna contra os desejos que o capitalismo manipula.

Dessa maneira, a série ao longo do seu desenvolvimento, especialmente na segunda temporada, que é a temporada objeto de nossas análises, evidência que o assalto não é apenas um fato de enriquecimento, mas também uma crítica ao sistema. Marcas dessas materialidades discursivas presentes na série ocorrem, quando o professor justifica o ato criminoso como um ato de resistência: “Não estamos apenas roubando dinheiro; estamos lutando contra um sistema opressor”. Outra marca discursiva importante de crítica ao sistema, ocorre durante o recrutamento dos membros do grupo, o professor diz a essas pessoas: “Nós não somos apenas ladrões. Somos uma resistência. Uma resistência contra um sistema que oprime e manipula”.

O professor também sugere que o governo assim como os bancos centrais poderia tomar medidas, como imprimir dinheiro para resolver problemas sociais, porque os bancos centrais imprimem dinheiro para salvar economias, sobretudo, os bancos privados. Isso decorre quando ele compara o roubo da Casa da Moeda, com a ação dos bancos centrais. Dessa forma, essa materialidade discursiva pode ser evidenciada, no seguinte trecho: “Vocês acham que os bancos centrais imprimem dinheiro sem lastro? Estamos fazendo o mesmo. Agora, eu me pergunto o porquê de os governos não tomarem atitudes semelhantes para livrarem o povo da exploração”.

Contudo, essa ideia, embora sedutora, ignora as consequências econômicas que tal ação poderia acarretar, como a inflação. A inflação ocorre quando há um aumento na quantidade de

dinheiro em circulação sem um correspondente aumento na produção de bens e serviços, levando à desvalorização da moeda e à perda do poder aquisitivo dos cidadãos. Portanto, a proposta do professor pode ser vista como uma simplificação das complexidades econômicas que governam a sociedade.

Deste modo, todas essas marcas discursivas destacam como o professor utiliza uma linguagem carregada de significados econômicos e políticos para moldar a percepção do público e dos seus cúmplices, elevando o roubo a um ato de resistência e justiça social, tornando a narrativa mais complexa e multifacetada.

Além disso, diversos discursos do professor apresentam críticas ao sistema econômico global e à corrupção. Ele sustenta que o roubo verdadeiro é praticado pelos bancos e pelas elites financeiras, e não pelos assaltantes. Por isso, no assalto à casa da moeda os assaltantes fabricam o próprio dinheiro ao invés de roubar o que já existe, essa ação é uma crítica direta ao sistema financeiro. Eles questionam a legalidade do dinheiro e a desigualdade que ele causa.

Outro ponto suscitado, na temporada que analisamos acerca da crítica ao capitalismo, é a marginalização causada pela extrema desigualdade social dos personagens que são caracterizados como indivíduos que, devido às suas condições sociais desfavorecidas, sentem-se pressionados a agir de forma contrária ao sistema. A série demonstra que a desigualdade extrema leva à criminalidade, o que reflete a frustração de muitos com a concentração de riqueza nas mãos de poucos. Podemos ilustrar essa afirmação, através dos personagens Tóquio e Rio que se juntam ao grupo por causa de suas dificuldades financeiras e da falta de oportunidades, refletindo essa desigualdade do sistema.

Todas essas ações acabam criando uma automática simpatia do público com os assaltantes, apresentando-os como vítimas de um sistema injusto. Isso convoca os espectadores a questionarem quem são os verdadeiros vilões. Todos esses elementos tornam a série uma crítica ao capitalismo e ao sistema financeiro global.

Enfim, por tudo demonstrado na série, fica claro que o capitalismo financeirizado intensifica as tendências inerentes ao capital (e suas contradições), aumentando a concentração deste, a exploração do trabalho, a degradação da natureza e a concorrência. Além disso, “o capitalismo não é o mesmo em cada época, variando e mantendo seus princípios, promovendo diferenciações em cada época e tecido social” (Lapyda, 2023, p. 81).

8 UMA LINGUÍSTICA ANTICAPITALISTA DELEUZIANA EM *LA CASA DE PAPEL*

Neste capítulo, abordaremos o primeiro capítulo do livro *Mil Platôs volume 2 postulados da Linguística de Deleuze e Guattari* (1995), tem como objetivo questionar a Linguística Estrutural dos anos 1960 e 1970 e a abordagem de Noam Chomsky (especialmente a ideia de uma gramática universal e a separação entre competência e desempenho linguístico), ou seja, questionar algumas ideias sobre a linguagem. Deleuze e Guattari (1995) pretendem pensar a linguagem de outra forma, retomando a ideia do rizoma, mas, sobretudo, trabalharam com a ideia de palavra e de ordem. Por essa razão, na introdução do capítulo está escrito: “agenciamento da palavra de ordem”. A data que também introduz o capítulo é bem específica por marcar uma transformação corpórea. “A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 7). Esse capítulo irá elencar postulados da Linguística que são as principais ideias dentro de uma proposição de linguagem para Deleuze e Guattari (1995):

1. A linguagem é informativa e comunicativa, ou seja, a primeira ideia que irão questionar é que a função da linguagem é informar ou comunicar, pois para Deleuze e Guattari, a linguagem pode informar e comunicar, mas ela não é feita para isso. Ela é feita para transmitir palavras de ordem.
2. Haveria uma máquina abstrata da língua que não recorreria a qualquer fator “extrínseco”, ou seja, a língua seria uma abstração em que ela poderia ser estudada independente de qualquer fator externo a ela e seria um sistema lógico, formal e poderia ser estudada em si como um sistema fechado.
3. Haveria constantes ou universais da língua que permitiriam defini-la como um sistema homogêneo.
4. Só se poderia estudar cientificamente a língua sob as condições de uma língua maior ou padrão. Esse postulado suscita a ideia de que existe uma língua padrão.

Para compreender esses postulados, precisamos compreender a ideia de estrutura. A ideia de estrutura no início do século XX, nas primeiras décadas, concentrou-se no estudo histórico da língua, que se transformava como as palavras, ou seja, um estudo mais filológico e fragmentado. Não havia uma organização sistemática.

Nesse momento, surge Ferdinand Saussure (1916), que é considerado o pai da Linguística moderna, porque ele pensará a língua como um sistema e fará a distinção entre língua e fala em que a fala será individual e a língua social. Ele fez um estudo histórico da

língua. Então, a língua terá dois eixos: sincrônico, a língua no momento atual e diacrônico, a língua no momento histórico.

Dessa maneira, para Saussure (1916) a fala seria afetada por questões extrínsecas a língua, por exemplo, questões sociais, econômicas, de classe, seria afetada pelo sotaque, pela cultura, dentre outros. Sendo assim, a língua é um sistema de diferenças, valores que será tomada em conjunto com outras palavras e é também um sistema arbitrário.

Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (1995) criticam as ideias de Ferdinand de Saussure, particularmente, em relação à sua abordagem estruturalista da linguagem. A crítica se concentra em diversos aspectos fundamentais da linguística saussuriana, que consideram limitados e inadequados para uma compreensão mais dinâmica e complexa da linguagem. A crítica de Deleuze e Guattari (1995), às ideias de Saussure (1916) em *Mil Platôs* é uma tentativa de desestabilizar as noções tradicionais de linguagem e de significado, propondo uma abordagem mais diversificada e dinâmica que reconhece a complexidade das interações sociais e culturais. A obra tem como objetivo reconfigurar a filosofia e a linguística, afastando-se das limitações do estruturalismo em favor de uma perspectiva que valoriza a multiplicidade e fluidez dos significados.

Já a crítica endereçada a Noam Chomsky feita por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, questiona sua abordagem linguística e a estrutura do conhecimento que ele representa. A crítica se concentra na ideia de um sistema centrado, como Chomsky exemplifica com sua teoria da gramática gerativa, na qual a linguagem é vista como um sistema fixo e hierárquico.

Deleuze e Guattari (1995) argumentam que a linguística de Chomsky é um exemplo de um sistema centrado, baseado em uma estrutura rígida e uma hierarquia de significados. Em contraste, propõem um modelo de conhecimento a-centrado, que é mais fluido e descentralizado, permitindo uma variedade de significados e interpretações.

Em resumo, para Saussure (1916) a língua poderia ser estudada independentemente da fala. Já para o Chomsky (1965) a gramática poderia ser estudada por si mesma, isto é, a língua pensada abstratamente. Mas para Deleuze e Guattari (1995) a língua deve ser pensada através de uma pragmática. A Linguística se preocupa com aspectos como fonologia, morfologia e sintaxe, ligando o enunciado ao significante e a enunciação ao sujeito, sem considerar o agenciamento. Ou seja, a grande diferença do rizoma para os dois modelos é o que está incluído é o fora. Não está incluído apenas os elementos e suas relações, mas está incluído o fora e especialmente a predominância da linha sobre o ponto. A estrutura é molar, pois a forma já está dada. No rizoma, o que importa são os processos. Para Deleuze e Guattari (1995) a cerne é pensar a estrutura ao que é externo a ela. Pensar a estrutura como heterogeneidade. Pois, a

pragmática destaca variáveis internas que impedem a língua de se fechar sobre si mesma. A palavra de ordem é o elemento essencial que torna a palavra uma enunciação completa, com potencial de transformação.

Então, é preciso pensar a linguagem a partir dos agenciamentos. Em qual agenciamentos a linguagem insere coletivos de enunciação e os agenciamentos maquínicos, ou seja, expressão e conteúdo, palavras e coisas. Reiterando, que para Deleuze e Guattari (1995) a função da linguagem é a palavra de ordem. Pensar a linguagem no nível do rizoma e não pensar a linguagem a partir de elementos que já estão pré-estabelecidos, por exemplo, eu e tu. Deleuze e Guattari (1995) irão dizer que a linguagem é um modo de produção da subjetividade.

Na base da função da linguagem eles colocarão a palavra de ordem, porque a palavra de ordem é o ato de fala realizado na linguagem. Assim, a linguagem é ato, ação e processo. Quando estamos falando de linguagem, estamos falando de processo, primeiro há a transcrição do rizoma. Primeiro há estratificação, ou seja, o processo individuação e depois é que se tem os indivíduos e depois é que se tem as estruturas ou extratos. Então, primeiro temos a palavra de ordem.

Para Deleuze e Guattari (1995), o mais importante é que se faça algo na linguagem. Em termos de linguagem, referem-se ao processo de transcrição do rizoma. A estratificação é o processo de individuação, seguido da estratificação das estruturas ou extratos. Em primeiro lugar, temos a palavra ordem. Para eles, é crucial que se faça algo com relação à linguagem.

Além disso, de acordo com Deleuze e Guattari (1995), todo discurso é indireto. Há três tipos de discurso: o discurso direto, indireto e livre. Essas são as três formas de retomar a palavra do outro. Para os autores, a linguagem deve ser pensada como um agenciamento coletivo de enunciação, uma vez que, em cada uma das nossas falas, surge uma outra ou retomamos uma fala anterior. No entanto, por exemplo, em um texto acadêmico, procuramos ao máximo, evitar o discurso indireto, pois tentamos manter as referências bem delimitadas de onde vêm, de quem fala, quando e como. Contudo, não há nenhuma linguagem que não seja atravessada por outras falas.

Dentro dessa perspectiva, a palavra de ordem é instantânea, ou seja, ocorre uma alteração repentina de um momento para o outro. Não há mudanças a nível dos corpos, mas tudo muda em relação a todas as possibilidades existentes e às formas de atualizar esse virtual que está em jogo. Dessa forma, podemos exemplificar essa proposição logo no início do capítulo um de *Mil Platôs*, explicando o motivo pelo qual Deleuze e Guattari (1995) colocaram a data de 20/11/1923. A data representa a Alemanha, quando a inflação estava galopante e um

decreto determinou que, dali em diante, a moeda *renteenmark* não teria mais valor e haveria uma nova moeda, a *papiermark*.

Como já foi mencionado, uma ação instantânea altera significativamente tudo. Assim, a palavra de ordem não se destina a agir diretamente sobre os corpos, mas sim sobre o significado atribuído a eles. Essa ideia de transformações incorpóreas e atos que se perdem na linguagem se a considerarmos apenas como uma língua, uma competência ou como um sistema abstrato em diferentes níveis.

Portanto, a ideia de agenciamento trará, a cada instante, os atos que são realizados na fala. Os atos que seguem essas constantes, esses universais fonológicos e sintáticos (sujeito-verbo-objeto). Ocorre que, ao ser usado, o significado atribuído de acordo com as ações e os contextos forma uma linguagem diferente. Dessa maneira, falaremos de línguas maiores e línguas menores, pois não podemos reduzir a língua à estrutura sintática e suas constantes, mas sim ao contexto em que ela é dada, incluindo a enunciação, as transformações incorpóreas e os agenciamentos coletivos de enunciação, ainda que essas constantes permaneçam, levam a línguas diferentes. Línguas maiores são mais aceitas e línguas menores que modificam essas línguas maiores e criam um novo modo de vida. A cada uma dessas línguas irá estar associada não só uma forma de falar, mas uma forma de viver e uma forma de agir.

Essa ideia de língua maior e língua menor ou literatura menor traz a ideia de maioria e minoria, que não representa uma questão de quantidade, e sim uma questão de funcionamento. Ou seja, uma questão de padrão, a maioria é aquilo considerado como padrão e a minoria é o que desvia da normalidade. A maioria representa o estrato molar, isto é, a maioria sempre se constitui como uma moralidade, como algo centralizado, que estabelece uma forma e tenta dar essa forma a todo o resto. É necessário que tudo siga a forma da maioria.

Sendo assim, o que é a maioria? Neste caso específico, o homem branco, heterossexual, cis, cristão, de classe média, preferencialmente rico, ocidental, neurotípico e magro. Em suma, a maioria dos elementos que representam um padrão representam a língua maior. Portanto, todos esses paradigmas estão presentes na linguagem. Além disso, a gramática que aprendemos na escola tem um significado muito maior do que o aprendizado da língua portuguesa. Ela nos transmite palavras de ordem e nos ensina como nos comportar.

Por exemplo, as aulas de português e de gramática, na verdade, são aulas de posições sociais, ou seja, para identificar quem fala certo e quem fala errado. A classe média ou rica tenta seguir a norma padrão da língua. Em outras palavras, as classes médias e ricas se esforçam para seguir a língua padrão para definir essa diferenciação social. Por isso, toda a crítica à ideia de

preconceito linguístico tende à ideia de que a língua é muito mais um marcador de poder do que uma representação fiel da língua real.

A língua menor é uma linha de fuga da língua maior. Deleuze e Guattari (1995) associam isso ao conceito de devir. O devir é sempre motivado por algo maior que está além do presente, ou seja, escapa. A ideia de linha de fuga não é negativa, e sim positiva. Se foge para criar algo, se foge para buscar uma arma que é uma nova luta. A ideia da palavra de ordem é retomada aqui, pois, inicialmente, parece-nos que a palavra de ordem está apenas a serviço das estruturas que a governam. São estruturas que tentam fechar a língua e os sujeitos. No entanto, é através da palavra de ordem que criamos línguas menores, pois a palavra de ordem pode também ser um grito de fuga.

Em outras palavras, há uma ordem para desorganizar tudo, mas é através da palavra de ordem que podemos organizar a língua e realizar suas transformações incorpóreas. Por exemplo, quando as minorias negras, trans e mulheres ingressam na língua, ela se torna uma língua menor, apesar de usar a mesma sintaxe, a mesma fonética e a mesma gramática normativa. Dessa forma, devemos levar em consideração a enunciação dessas minorias, pois a língua menor dessas pessoas representa o seu lugar de fala. Tendo em vista que a língua não se limita às suas regras, mas também à sua enunciação. Por essa razão, é importante saber quem, quando e onde a enunciação é proferida, pois, quando o lugar é ocupado por minorias sociais, a língua maior se torna uma língua menor.

A língua utilizada por todos os excluídos torna-se diferente e retomamos a ideia de um agenciamento coletivo de enunciação, uma vez que nunca falamos sozinhos, sempre retomamos uma série de outras vozes em nossa voz. Ou seja, a nossa voz é a retomada de diversas vozes já existentes. Dessa forma, quando essas vozes forem excluídas e assumem o lugar de autoria, muitas outras vozes surgirão, o que é a essência de uma língua menor. Por essa razão, é politicamente relevante compreender a língua neste contexto de literatura menor. Os principais conceitos aqui apresentados são a ideia da palavra de ordem, ou seja, a ideia da língua como algo que organiza, ordena e a ideia de agenciamento como uma combinação de expressão e conteúdo.

Dessa forma, podemos relacionar esses postulados linguísticos de Deleuze e Guattari (1995) aos discursos da série *La Casa de Papel* por meio de conceitos fundamentais da obra desses filósofos, especialmente, em relação à sua abordagem da linguagem como um campo dinâmico. A série, com sua trama e seus personagens complexos, oferece um campo fértil para esses conceitos, que desafiam a linearidade e a estrutura tradicional da linguagem.

O conceito de "palavra de ordem" apresentado por Deleuze e Guattari (1995) é utilizado como uma forma de controle que estrutura a realidade social no contexto da trama de *La Casa de Papel*. Na série, o professor e os outros personagens usam palavras de ordem para coordenar ações e para manter a disciplina entre os membros do grupo. Essas palavras de ordem criam uma estrutura que orienta o comportamento dos personagens. Os autores enfatizam a ideia de que a linguagem é composta por "palavras de ordem", ou seja, atos de fala que não se limitam à comunicação, mas também desempenham ações no mundo. Esta perspectiva é coerente com a forma como os personagens de *La Casa de Papel* utilizam a linguagem para manipular, persuadir e criar realidades alternativas, refletindo a ideia de que a linguagem é um agente ativo na construção de significados e de realidades. Esse conceito pode ser observado por meio da seguinte materialidade discursiva na série:

Professor: - Sejam todos bem-vindos e obrigado por aceitarem essa oferta de trabalho viveremos aqui isolados do mundo em ruínas. Cinco meses que passaremos aqui estudando como vamos dar o golpe.

Moscou: – Como assim cinco meses? Você está louco?

Professor: - As pessoas passam anos estudando para ter um salário que na melhor das hipóteses não deixa de ser um salário de merda que são cinco meses. Eu tenho pensado nisso há muito mais tempo eu não vou voltar a trabalhar na minha vida nem vocês nem os seus filhos. Ótimo! No momento, vocês não se conhecem e quero que continue assim não quero nada de nomes, nem perguntas pessoais e claro que nada de relacionamentos pessoais. Quero que cada um escolha o nome, algo simples, podem ser: números, planetas, horários.

Denver: - Por exemplo, senhor 17 e a senhorita 23.

Moscou: – Ah! Isso não consigo lembrar nem o número do meu telefone.

Denver: - Por isso, eu tirei sarro.

Rio: - E que tal planetas? Eu posso ser Marte e ele Urano

Denver – Urano, não vou ser podem esquecer.

Rio: – Por que não, Urano?

Denver: – Rima com anus.

Professor: – Vamos usar cidades, cidades!

Denver: – Então, ficamos com cidades.

Professor: – Ótimo!

Além do conceito de “palavra de ordem”, a série também apresenta o conceito de agenciamento, que se refere à maneira como elementos heterogêneos interagem para formar um sistema funcional. Em *La Casa de Papel*, o plano do assalto é um exemplo de agenciamento,

em que cada personagem, com suas habilidades e personalidades singulares, se conecta para formar uma unidade coerente que executa o plano.

É possível também notar que o conceito de "máquina abstrata" está presente em *La Casa de Papel*, uma vez que a linguagem não apenas comunica, mas cria realidades. Na série, os discursos do professor e dos outros personagens não se limitam a comunicar planos e estratégias, mas também criam uma nova realidade dentro do contexto do assalto, desafiando as normas sociais e econômicas.

Uma outra ideia inerente aos postulados linguísticos apresentada na série é a de uma "língua menor" como forma de subverter a língua dominante e criar novas formas de expressão. Os personagens de "*La Casa de Papel*" frequentemente utilizam códigos e linguagens próprias que subvertem a linguagem oficial e criam uma identidade única para o grupo.

Outro conceito de relevância é o de rizoma, que contrasta com a estrutura arborescente tradicional da linguagem. O rizoma sugere uma rede de conexões em que qualquer ponto pode se conectar a qualquer outro, o que reflete a complexidade e a não-linearidade dos discursos apresentados na série. Em *La Casa de Papel*, a narrativa se desenvolve em diversas camadas, em que as histórias dos personagens se entrelaçam, criando um tecido narrativo que difere da narrativa convencional. Essa diversidade é uma característica importante da série, que desafia a ideia de um único ponto de vista ou uma única verdade.

Ademais, os diálogos e as interações entre os personagens demonstram a teoria da enunciação de Deleuze e Guattari (1995), segundo a qual a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um ato performativo que gera consequências. As "palavras de ordem" usadas pelos protagonistas, como o professor e a equipe, são fundamentais para a execução dos seus planos, demonstrando o como a linguagem pode ser uma ferramenta de poder e de resistência.

Além disso, a série trata da construção da identidade através da linguagem. Os personagens, muitas vezes sem nomes próprios, são identificados pelos seus papéis sociais e suas relações, o que concorda com a ideia de que a subjetividade é influenciada pelos discursos sociais. Essa dinâmica é evidenciada pelas interações entre os membros da equipe e suas relações com a autoridade, em que a linguagem tem como objetivo reforçar a identidade e questionar as normas sociais.

O postulado de linguagem como devir, que se refere a um processo de transformação contínua e de criação de novas identidades também está representado na série. Pois, em *La Casa de Papel*, os personagens são frequentemente reinventados e adaptam-se a novas situações, refletindo essa noção de devir. A linguagem utilizada pelos personagens também sofre

modificações à medida que se adaptam às circunstâncias, criando expressões e significados que desafiam as normas linguísticas tradicionais.

Podemos perceber, que a corrente pragmática da linguagem também está presente na série. Em outros termos, a abordagem pragmática da linguagem defendida por Deleuze e Guattari (1995) enfatiza a importância das variáveis e das mudanças no interior do sistema linguístico. Em *La Casa de Papel*, os diálogos são repletos de expressões coloquiais e gírias, que não apenas refletem a cultura dos personagens, como também criam uma identidade coletiva e um sentimento de pertencimento mútuo entre eles. Essa prática linguística demonstra que a linguagem é um campo de inovação e de criatividade, em vez de um sistema fechado e rígido.

Em resumo, os postulados da linguística de Deleuze e Guattari (1995) estão representados em *La Casa de Papel* através de uma linguagem que desafia a linearidade, enfatiza a multiplicidade e atua como um agente de mudança social. A série demonstra como a linguagem não se limita a comunicar, mas também cria realidades, molda identidades e exerce poder, refletindo a complexidade das relações humanas em um contexto contemporâneo. A aplicação dos conceitos de Deleuze e Guattari (1995) à obra *La Casa de Papel* revela que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço de criação e de transformação. A série utiliza a linguagem de forma a desafiar as regras estabelecidas, refletindo a complexidade das identidades e das relações sociais em um contexto de crise e resistência.

9 INTRODUÇÃO DO CORPUS CONSTRUÍDO PARA ANÁLISE

Neste capítulo, iremos introduzir as noções de nossa análise para *La Casa de Papel*. Deste modo, vamos iniciar nossas considerações sobre a série *La Casa de Papel* e sua venda para o serviço de streaming *Netflix*.

Diante disso, a *Netflix* adquiriu seus direitos globais em 12 de julho de 2018 e fechou contrato de exclusividade com os criadores Alex Pina e Javier Gomez da série *La Casa de Papel*. A trama se desenrola quando oito pessoas que entram na Casa da Moeda espanhola, fazem reféns e ficam dias trancados com eles no local para fabricar o próprio dinheiro. A meta é imprimir 2, 4 bilhões de euros. Eles seguem os planos do professor que, do lado de fora, arquiteta inúmeras situações para despistar a polícia e mantê-los informados para evitar surpresas. (Fonte: *Netflix*. Acessado em: 04 de agosto de 2022)

A série começa com Tóquio fugindo da polícia e depois sendo salva por um homem chamado professor, que a apresenta o plano e os outros participantes que também se designam por nomes de cidades como: Berlim, Denver, Rio, Nairóbi, Moscou, Helsinque e Oslo. As ações a serem executadas têm como objetivo ludibriar a polícia para que se consiga imprimir o dinheiro e fugir com sucesso ao final do plano (Fonte: *Netflix*. Acessado em: 04 de agosto de 2022).

Dessa maneira, após essa breve apresentação do enredo, justificamos a construção do *corpus* de análise pela crítica que manifesta por meio de seus enunciados ao capitalismo e sua financeirização, principalmente, na Espanha que segue ocasionando inúmeras injustiças sociais. Em outras palavras, a materialidade discursiva da crise econômica na Espanha, em 2009 pela sua entrada na zona do euro e os símbolos que metaforizam esse cenário econômico na série.

Partindo desse princípio, pretendemos destacar nessa pesquisa a importância da Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021) na compreensão de enunciados, que nos permitam ir além dos seus limites linguísticos, fazendo uma análise ultrapassando a superficialidade da primeira leitura com o auxílio de conhecimentos mais específicos compreendendo o conceito de prática discursiva e a noção de cartografia para a construção do texto. Pois, esses conceitos possibilitam que um determinado sentido seja construído.

Diante disso, o nosso percurso metodológico em Análise do Discurso terá como base os postulados de Maingueneau (1997, 2001, 2008, 2013) sendo pautado pelas seguintes etapas metodológicas: prática discursiva, interdiscurso (primado do interdiscurso), formação discursiva, *ethos*, cena e cenografia; analisando as cenas da série, que simbolizam as condições

socioeconômicas na Espanha. Além dos postulados de Deleuze e Guattari (1995) de rizoma, micropolítica, desterritorialização e reterritorialização concatenados a teoria e exemplificações de trechos da série espanhola *La Casa de Papel*, que os contemplem.

9.1 Análise do *corpus*

Cena 1 – Raquel é afastada da polícia e tenta descobrir o esconderijo do professor



Fonte: Disponível em: www.feededigno.com.br. Acesso em: 04 ago. 2023.

Descrição da cena: Raquel Murillo, a inspetora da polícia, é afastada de seu cargo devido ao seu envolvimento com o professor, o cérebro por trás do assalto. Determinada a descobrir o esconderijo dele, Raquel usa suas habilidades investigativas para seguir pistas e tentar localizá-lo. Após ser afastada da polícia, Raquel Murillo também conhecida como Lisboa, segue investigando o caso do assalto à Casa da Moeda por conta própria. Ela busca gravações de segurança e descobre onde fica o quartel general do professor. No entanto, a polícia acha que ela está destruindo provas do crime e emite uma ordem de prisão contra ela. Enunciados referentes à cena:

Polícia investigativa: – “Raquel estamos te afastando do caso no momento.

Raquel: Logo, agora que estou buscando as gravações de segurança e onde fica o esconderijo do professor. Estava chegando tão perto”...

Para analisar a cena presente nesse trecho de *La Casa de Papel* de acordo com Maingueneau (1997), é importante considerar alguns conceitos-chave da análise do discurso:

Cenografia (Maingueneau, 2013): A cenografia de Raquel apresenta um ambiente policial e uma tensão entre a lei e a moralidade pessoal.

Ethos (Maingueneau, 1998): Raquel constrói um *ethos* de determinação e justiça, mesmo quando está afastada do seu cargo oficial.

Interdiscursividade (Maingueneau, 2008): A cena mostra a interdiscursividade entre o discurso policial, o discurso investigativo e o discurso pessoal de Raquel.

Na cena descrita, após ser afastada da polícia, Raquel Murillo continua a sua investigação por conta própria. Isso demonstra uma prática discursiva (Maingueneau, 1997) de resistência e autonomia, na qual ela desafia a autoridade oficial para seguir sua moralidade e justiça. A prática discursiva (Maingueneau, 1997) aqui é marcada pela tensão entre o dever profissional e os sentimentos pessoais, criando um conflito central para a narrativa da série. Na mesma cena, podemos destacar também a formação discursiva (Maingueneau, 2008) de Raquel, que envolve o discurso policial e investigativo, que é orientado por normas e procedimentos específicos.

Já para analisarmos essa cena de *La Casa de Papel* de acordo com os postulados linguísticos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), podemos considerar alguns conceitos fundamentais de sua filosofia, especialmente os relacionados à "rizoma" e à "micropolítica".

Na cena, Raquel Murillo age de uma forma rizomática (Deleuze; Guattari, 1995) ao ser afastada da polícia. Ao invés de seguir uma estrutura hierárquica convencional, ela cria suas próprias conexões e caminhos para prosseguir com a investigação. Sua abordagem é descentralizada e flexível, o que reflete a natureza rizomática de sua busca.

A decisão de Raquel de prosseguir com as investigações por conta própria, mesmo após a seu afastamento, é um exemplo de micropolítica (Deleuze; Guattari, 1995). Ela desafia a autoridade estabelecida e segue suas próprias convicções, demonstrando como pequenas ações podem ter um impacto significativo.

Raquel é "desterritorializada" ao ser afastada de seu cargo oficial, mas logo se "reterritorializa" ao assumir uma nova posição como investigadora independente. Esse movimento de desterritorialização e reterritorialização é central na filosofia de Deleuze e Guattari (1995), mostrando a fluidez e a flexibilidade das identidades e funções.

Diante disso, a cena de Raquel Murillo em *La Casa de Papel* pode ser interpretada sob a perspectiva dos postulados de Deleuze e Guattari (1995), ressaltando a complexidade e a resistência presentes em suas ações.

Nesse sentido, a Análise Cartográfica do Discurso de Deusdará e Rocha (2021), pode ajudar a entender as camadas de significado nesta cena. O discurso é um espaço em que se articulam diferentes vozes e interesses sociais. A fala da polícia representa uma manifestação de um discurso dominante que busca manter a ordem e proteger determinadas narrativas, enquanto Raquel representa uma voz dissidente que busca expor verdades ocultas.

Em conclusão, a cena analisada não é apenas um momento de afastamento; é um microcosmo das lutas mais amplas por reconhecimento e justiça dentro das estruturas sociais. Raquel, ao ser afastada, representa todas as vozes que lutam para serem ouvidas em face da opressão institucional. O discurso da polícia, ao tentar silenciá-la, revela a fragilidade das narrativas dominantes quando confrontadas com a determinação individual em busca da verdade.

Cena 2 – Raquel após descobrir o esconderijo do professor e ser sequestrada por ele



Fonte: www.pinterest.com. Acesso em: 06 ago. 2024.

Descrição da cena: A cena acima é uma sequência da primeira cena supracitada, em que Raquel descobre o esconderijo do professor e acaba sendo aprisionada pelo mesmo. Nessa cena da série, o professor tece uma crítica sobre o processo de financeirização, que ocorreu na

Espanha em 2009. Ou seja, ele menciona claramente que ocorreu uma crise econômica e geopolítica espanhola na realidade por meio de uma série de ficção fazendo referência a um processo nefasto, que assolou e levou o país a uma recessão econômica. Em outras palavras, as cenas e os enunciados do professor são importantes, pois materializam a crítica inerente ao capital e sua financeirização. Abaixo, segue o trecho dos enunciados dos personagens Raquel e professor retirados da série *La Casa de Papel* cuja referência é o oitavo episódio da quinta temporada:

Depois de ser afastada do caso por causa de seu relacionamento com o professor, Raquel tenta descobrir por conta própria quem é o cérebro da operação. A inspetora Raquel Murillo chega ao esconderijo do professor; ela está armada.

Raquel Murillo (inspetora policial): “- Levante-se. Devagar. Vire-se! Agora, virá comigo à delegacia. Não mova um único músculo, porque desta vez eu atiro. Sabe por quê? Porque fui passear no campo. Tive tempo de pensar e de me arrepender de não matar o maior filho da puta que já conheci. - Não vou matar você agora, porque quero ver você passar 30 anos na prisão. E lá, pode perguntar a quem quiser que roupa estão vestindo. Não se mexa. Parado!” Raquel depois de tentar prender o professor é imobilizada por trás, pois um dos colaboradores do plano de Sérgio (nome verdadeiro do personagem responsável pelo plano e um dos protagonistas da série que usa a cognominação de professor) surge inesperadamente e a surpreende. Presa com os braços para cima a inspetora clama para o professor se aproximar.

Raquel Murillo (inspetora policial): - Venha aqui, por favor!

Professor: - O que é?

Raquel Murillo (inspetora policial): - Não me sinto bem.

Professor: - O que tem?

Raquel Murillo (inspetora policial): - Sinto muita dor no peito.

Professor: - Pode ser ataque de ansiedade. Quer um calmante? Seria muito mais fácil para mim se nada disso acontecesse. Foi a única... a única fissura real em um plano perfeito. Um plano que era perfeito, mas não é mais. Sabe por quê? Porque, mesmo que tudo isso corra bem... Mesmo que tudo isso corra bem, eu... estarei fodido. Porque não a verei mais. Acha que estava em meus planos me apaixonar pela inspetora encarregada?

Raquel Murillo (inspetora policial): - Não quero mais ouvir você.

Professor: - Não quer me ouvir? Por que não quer me ouvir? Por que sou um dos maus? Você aprendeu a ver tudo como bom e mau. Mas o que estamos fazendo parece correto para muitos. No ano de 2011, o Banco Central europeu fez 171 bilhões de euros do nada. Como estamos fazendo. Só que mais. Cento e oitenta e cinco bilhões, em 2012. Cento e quarenta e

cinco bilhões de euros em 2013. Sabe onde foi parar todo esse dinheiro? Nos bancos. Diretamente da Casa da Moeda para os mais ricos. - Alguém disse que o Banco Central europeu era ladrão? “Injeção de liquidez”, chamaram. Tiraram do nada Raquel. Do nada.

Nesse momento, Professor pega uma nota de dinheiro e mostra a Raquel: - Está vendo isto. - Isto não é nada, Raquel. É papel. É papel, está vendo? É papel. Estou fazendo uma injeção de liquidez, mas não para os banqueiros. Estou fazendo aqui, na economia real. Com esse grupo de... de desgraçados, que é o que somos, Raquel. Para escapar de tudo isso. Você não quer escapar?” (Netflix, 2017, trecho do oitavo episódio da quinta temporada)

Para analisarmos esta cena de *La Casa de Papel* de acordo com os postulados de Dominique Maingueneau (1995), utilizaremos os conceitos de cenografia, *ethos*, interdiscursividade, prática discursiva e formação discursiva

A cenografia (Maingueneau, 2012) refere-se ao cenário tenso e carregado de emoções, com Raquel e o professor em um confronto direto. O ambiente é crucial para entender a dinâmica de poder e a tensão entre os personagens. A cenografia inclui o espaço físico de um local seguro e escondido e o contexto emocional e moral do diálogo.

Já em relação ao *ethos* (Maingueneau, 1998), o professor cria um *ethos* de alguém que questiona as normas estabelecidas e se coloca como um revolucionário que desafia o sistema financeiro global. Ele se apresenta como alguém que está fazendo justiça de uma forma que seria considerada correta. Raquel, por outro lado, tenta manter um *ethos* de autoridade e moralidade, mas é desafiada pelas revelações do professor.

No que diz respeito, a interdiscursividade (Maingueneau, 2008), o professor utiliza um discurso econômico e político para justificar as suas ações, citando as práticas do Banco Central Europeu e a “injeção de liquidez”. Ele mescla o discurso econômico com o moral, criando uma justificativa complexa para suas ações. Raquel representa o discurso da lei e da ordem, que é confrontado pelo discurso subversivo do professor.

A prática discursiva (Maingueneau, 1997) na cena vigente diz respeito às ações e às estratégias usadas pelos locutores no discurso. O professor usa um dito de subversão para persuadir Raquel (e, conseqüentemente, o público) de que suas ações são válidas. Ele utiliza dados históricos e econômicos para fundamentar a sua argumentação, desafiando a visão tradicional de bons e maus. Raquel, por sua vez, tenta manter a sua posição de autoridade, mas é forçada a enfrentar as complexidades morais do professor.

A formação discursiva (Maingueneau, 2008) da cena também envolve a construção de identidades. O professor se apresenta como um “desgraçado”, o que pode ser interpretado como uma tentativa de humanizar sua figura e criar empatia. Ele se coloca em uma posição de

vulnerabilidade, o que contrasta com a imagem tradicional do criminoso. Essa construção de identidade é uma forma de posicionamento discursivo que visa alterar a percepção de Raquel sobre ele e suas ações.

Essa análise demonstra que os conceitos de Maingueneau podem ser viabilizados para compreender a profundidade e a complexidade do diálogo entre Raquel e o professor. A cena não se limita ao confronto entre dois personagens, mas também ao confronto entre diferentes discursos e práticas discursivas, cada um tentando impor a sua visão de mundo sobre o outro.

Posto isto, para analisarmos esta cena de *La Casa de Papel* de acordo com os pressupostos apresentados por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), vamos considerar os conceitos de rizoma, micropolítica e desterritorialização/reterritorialização.

Na cena em questão, o professor desafia a visão binária de bons e maus, apresentando uma perspectiva mais complexa e interconectada. Ele sustenta que suas ações, apesar de ilegais, são moralmente justificáveis e comparáveis às práticas do Banco Central Europeu. A abordagem rizomática (Deleuze; Guattari, 1995) quebra a narrativa linear e hierárquica da lei versus crime, mostrando como diferentes práticas e discursos se interconectam.

O discurso do professor, na cena, é um exemplo de micropolítica (Deleuze, Guattari, 1995), pois utiliza argumentos econômicos e morais para questionar a autoridade estabelecida e justificar suas ações. Ele questiona as práticas do sistema financeiro global e apresenta uma solução que beneficia a "economia real" e os "desgraçados". Essa resistência micropolítica desafia as normas e as práticas hegemônicas, criando fissuras no sistema dominante.

Na cena vigente, o professor desterritorializa (Deleuze; Guattari, 1995) a visão tradicional de dinheiro e o valor ao afirmar que o dinheiro é apenas papel e que sua “injeção de liquidez” é uma forma de redistribuição econômica. Ele reterritorializa essa visão ao posicionar suas ações como uma forma de justiça econômica, criando um novo território moral e ético no qual suas ações são justificadas.

Assim sendo, *La Casa de Papel* ilustra como os conceitos de Deleuze e Guattari (1995), podem ser compreendidos diante da complexidade e subversão presentes no discurso do professor. Porque, ele emprega uma abordagem rizomática para desconstruir narrativas binárias, emprega micropolítica para resistir e desafiar a autoridade estabelecida, e realiza processos de desterritorialização e reterritorialização para redefinir conceitos de valor e justiça.

Nessa situação, podemos observar, que a conversa se desdobra em um rizoma de significados interligados. O professor tenta construir uma narrativa que justifica suas ações como uma forma de resistência contra um sistema opressor, enquanto Raquel luta para manter sua posição dentro desse mesmo sistema. A ideia de que ambos estão presos em um ciclo de

violência institucionalizada destaca como as práticas discursivas podem ser tanto formas de resistência quanto mecanismos de opressão.

Dessa maneira, a Análise Cartográfica do Discurso permite observar como as subjetividades são moldadas pelas relações de poder, revelando as relações interpessoais e institucionais. Os discursos não são apenas expressões individuais, mas sim reflexos das estruturas sociais que moldam as identidades dos sujeitos envolvidos. A interação entre Raquel e professor ilustra como o poder é negociado e contestado em espaços discursivos, desafiando as dicotomias tradicionais entre heróis e vilões. Essa análise não só enriquece nossa compreensão da série, mas também nos convida a refletir sobre as dinâmicas sociais reais que permeiam as instituições policiais e os discursos econômicos contemporâneos.

Cena 3 – Tóquio a narradora da série falando acerca dos ideários de luta e resistência do professor e seu avô.



Fonte: Disponível em: www.pinterest.com. Acesso em: 04 ago. 2024.

Descrição da cena: Na cena três, a narradora-personagem Tóquio fala acerca dos ideários de resistência do professor e de seu avô, que havia feito parte da resistência antifascista na Itália. Em uma cena marcante, a narradora Tóquio reflete sobre os ideais de luta e de resistência do professor e de seu avô. O avô do professor, segundo Tóquio, era um homem que acreditava na justiça social e na necessidade de se opor às injustiças do sistema. Ele ensinava ao neto a importância de lutar pelos seus ideais, mesmo que isso significasse desafiar a autoridade e as regras estabelecidas. Segue abaixo os enunciados da cena em questão:

Tóquio: “-A vida do professor girava em torno de uma única ideia: “resistência”. O seu avô, que tinha ficado ao lado dos *partigiani*, (como são chamados os heróis da resistência

antifascista na Itália) para derrotar os fascistas na Itália, lhe havia ensinado essa música (*Bella Ciao*) e depois ele nos ensinou”. O avô do professor cultivou uma forte crença na luta contra a injustiça e a opressão. Ele não apenas enfrentou um regime totalitário, mas também transmitiu essa herança de resistência ao neto. A luta do avô não foi em vão, pois seus ideais persistem através das ações do professor e do grupo que ele lidera. Cada geração deve enfrentar suas próprias batalhas, mas sempre com a consciência de que está construindo sobre os alicerces deixados pelos que vieram antes. Um viva a resistência! (Ela brinda com o copo).

Dessa maneira, analisamos essa cena de *La Casa de Papel* de acordo com os conceitos de Dominique Maingueneau de prática discursiva, cenografia, *ethos*, interdiscurso e a formação discursiva.

Nessa cena, a prática discursiva envolve a evocação de ideais de resistência e de luta contra a opressão. A personagem utiliza a história do avô do professor e a música *Bella Ciao* como símbolos de resistência, ligando o passado ao presente e legitimando as ações do grupo. A prática discursiva (Maingueneau, 1997) aqui é de mobilização e inspiração, com o objetivo de fortalecer o espírito de luta dos membros do grupo. Essa prática discursiva é profundamente enraizada na herança familiar, refletindo a transmissão de valores de uma geração para outra.

A cenografia (Maingueneau, 2012) refere-se ao cenário carregado de simbolismo histórico e emocional. A menção aos *partigiani* e à música *Bella Ciao* cria uma conexão com a resistência antifascista na Itália, situando o discurso em um contexto de luta contra a opressão. A cena do brinde reforça a ideia de celebração e de continuidade da resistência. A cenografia, neste contexto, desempenha um papel crucial ao criar um ambiente que reforça a mensagem de resistência. O ato de brindar com um copo, por exemplo, não é apenas uma ação física, mas uma manifestação simbólica de união e determinação. A cenografia, portanto, não é meramente decorativa, mas serve para intensificar a experiência emocional e a conexão entre os personagens e o público, alinhando-se com a ideia de que a resistência é uma luta contínua e coletiva.

O *ethos* (Maingueneau, 1998) do professor é construído através de sua ligação com o passado e sua determinação em continuar a luta de seu avô. Essa construção de caráter é vital para a narrativa, pois estabelece o professor como líder e defensor de ideais de resistência. O *ethos* é reforçado pela menção à música *Bella Ciao*, que simboliza a luta antifascista e a resistência, conectando o professor a uma tradição histórica de luta contra a injustiça.

Nessa cena, há uma interdiscursividade (Maingueneau, 2008) entre o discurso histórico da resistência antifascista e o discurso atual do grupo liderado pelo professor. A personagem estabelece uma ligação entre as lutas do passado e as do presente, mostrando que os ideais de

resistência são atemporais e ainda inspiram ações atuais. A música *Bella Ciao* é um elo entre esses discursos, simbolizando a continuidade da luta.

Neste caso, a formação discursiva (Maingueneau, 2008) é marcada pelos ideais de resistência e de luta contra a opressão. O discurso é estruturado de forma a legitimar as ações do grupo, estabelecendo uma ligação com uma tradição histórica de luta e de justiça. A formação discursiva aqui é de resistência, na qual a narrativa é elaborada com o objetivo de inspirar e de mobilizar os membros do grupo.

Em síntese, *La Casa de Papel* mostra como os conceitos de Maingueneau podem ser compreendidos de acordo com a complexidade e a profundidade do discurso de resistência. A prática discursiva, a cenografia, o *ethos*, a interdiscursividade e a formação discursiva trabalham juntos para criar um discurso poderoso e inspirador, que liga o passado ao presente e legitima as ações do grupo. A luta do professor e seu grupo não é apenas uma narrativa de resistência, mas também uma reflexão sobre a natureza do discurso e da ação, desafiando o público a considerar seu papel na luta contra a injustiça. Dessa forma, a cena não apenas narra uma história, mas também convida à reflexão crítica sobre a resistência e a construção de identidades coletivas.

Dito isso, vamos analisar a cena de acordo com os postulados de Deleuze e Guattari (1995), considerando os conceitos de rizoma, micropolítica, desterritorialização e reterritorialização.

Na cena em questão, a ideia de resistência transmitida pelo avô do professor ao professor e, posteriormente, ao grupo, demonstra um sistema rizomático (Deleuze; Guattari, 1995). A resistência não é uma estrutura linear ou hierárquica, mas sim uma rede de ideias e ações interconectadas que se propagam e adaptam-se ao longo do tempo. A música *Bella Ciao* é um símbolo rizomático que conecta gerações e contextos de luta contra a opressão.

A história do avô do professor, que lutou contra o fascismo, é um exemplo de micropolítica (Deleuze; Guattari, 1995). Não apenas lutou contra um regime totalitário, como também transmitiu os seus ideais de resistência ao neto. Essas ações individuais e familiares se juntam para criar um movimento mais forte de resistência. O brinde de Tóquio celebra essas pequenas ações e reconhece sua importância na luta constante contra a injustiça.

Na cena vigente, a resistência do avô do professor desterritorializou (Deleuze; Guattari, 1995) o regime fascista, desafiando e desestabilizando a sua autoridade. Ao transmitir esses ideais ao professor, ele reterritorializou (Deleuze; Guattari, 1995) a resistência, criando um novo espaço de luta e justiça que permanece através das ações do grupo. Cada geração enfrenta

as suas próprias batalhas, mas as sustenta sobre as bases deixadas pelas gerações anteriores, constantemente desterritorializando e reterritorializando a resistência.

Enfim, essa cena de *La Casa de Papel* exemplifica como os conceitos de Deleuze e Guattari (1995) podem ser compreendidos para entender a complexidade e a continuidade da resistência. A resistência é vista como um rizoma, uma rede interconectada de ideias e ações que se adaptam e se espalham ao longo do tempo. A micropolítica destaca a importância das pequenas ações individuais na criação de movimentos maiores. A desterritorialização e a reterritorialização mostram como a resistência desestabiliza estruturas opressivas e cria novos territórios de luta e justiça.

Desse modo, a cena em questão, em que Tóquio reflete sobre os ideais de resistência do professor e de seu avô, é rica em significados e simbolismos que podem ser explorados por meio da Análise Cartográfica do Discurso proposta por Deusará e Rocha (2021). Essa abordagem permite uma investigação profunda das relações de poder, resistência e construção de identidades que permeiam o discurso. Diante disso, o discurso de Tóquio fornece o contexto histórico e emocional, conectando a luta do avô do professor com as ações do grupo. A menção à música *Bella Ciao* e ao brinde reforça a ideia de celebração e continuidade da resistência.

Além disso, o discurso de Tóquio também destaca a construção de uma identidade coletiva entre os membros do grupo liderado pelo professor. Ao afirmar que “a luta do avô não foi em vão”, Tóquio estabelece uma continuidade entre as lutas passadas e as ações individuais e coletivas dos personagens, refletindo uma crítica ao sistema opressivo.

Deste modo, a Análise Cartográfica do Discurso permite observar como o poder se manifesta nas relações sociais dentro da série. O professor e seu grupo não são apenas criminosos, eles se posicionam como agentes de mudança social em um contexto marcado pela desigualdade e injustiça. A inversão moral que ocorre na série, em que os bandidos são vistos como heróis, questiona as normas estabelecidas e provoca reflexão sobre o que constitui justiça em uma sociedade desigual.

Em resumo, a cena culmina com Tóquio brindando à resistência, simbolizando a celebração dos ideais que unem o grupo. Este ato não é apenas um gesto simbólico; representa a esperança e a determinação em continuar lutando contra as injustiças. Através da Análise Cartográfica do Discurso, fica evidente que *La Casa de Papel* utiliza enunciados para construir um diálogo profundo sobre resistência, identidade e poder, refletindo questões sociais relevantes contemporâneas.

Cena 4 - Cena que professor e Berlim cantam a música *Bella Ciao*



Fonte: Disponível: www.oglobo.globo.com. Acesso em: 04 ago. 2023.

Descrição da cena: Em seguida, para ilustrar narrativa de Tóquio, aparecem, na sequência, os personagens Berlim e o professor cantando *Bella Ciao* para suscitarem os ideários de resistência que a personagem mencionou e a mensagem que a canção transmite. A cena se passa em um ambiente íntimo e privado, onde o professor e Berlim estão juntos, refletindo sobre seus planos e a importância do que estão prestes a fazer. Eles começam a cantar *Bella Ciao*, uma canção de resistência antifascista italiana, que simboliza a luta contra a opressão e a injustiça. Enunciados que representam a cena vigente:

Professor: “-Esta canção... meu avô me ensinou. Ele lutou contra os fascistas na Itália. E agora, nós estamos lutando contra um sistema opressor”.

Berlim: “-Sim, irmão. Esta canção é um hino de resistência. Vamos cantá-la juntos, para lembrar por que estamos aqui”.

Eles começam a cantar *Bella Ciao* juntos, suas vozes se misturando em harmonia. A música ecoa pelo ambiente, criando um momento de união e determinação.

Professor e Berlim (cantando): “*Una mattina mi son svegliato, o bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao...*”

*“Una mattina mi son' svegliato
O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
Una mattina mi son' svegliato
E ho trovato l'invasor*

*O partigiano, portami via
O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
O partigiano, portami via
Ché mi sento di morir*

*E se io muoio da partigiano
O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
E se io muoio da partigiano
Tu mi devi seppellir*

*E seppellire lassù in montagna
O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
E seppellire lassù in montagna
Sotto l'ombra di un bel fior*

*Tutte le genti che passeranno
O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
Tutte le genti che passeranno
Mi diranno: Che bel fior*

*E quest'è il fiore del partigiano
O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
E quest'è il fiore del partigiano
Morto per la libertà*

*E quest'è il fiore del partigiano
Morto per la libertà” (a letra da música Bella Ciao foi apresentada na quarta cena)
(Autor desconhecido)*

Para analisar essa cena de *La Casa de Papel* de acordo com os conceitos de Dominique Maingueneau, vamos considerar os seguintes conceitos: prática discursiva, cenografia, *ethos*, interdiscurso e a formação discursiva.

Nesta cena, a prática discursiva (Maingueneau, 1997) envolve a evocação de ideais de resistência e de luta contra a opressão. O professor e Berlim utilizam a canção *Bella Ciao* para reforçar seus ideais e motivar o grupo. A prática discursiva aqui é de mobilização e inspiração, buscando fortalecer o espírito de luta dos membros do grupo.

A cenografia (Maingueneau, 2013) da cena se passa em um ambiente íntimo e privado, onde o professor e Berlim estão juntos, refletindo sobre seus planos. O ambiente é crucial para entender a dinâmica de poder e a tensão entre os personagens. A cenografia inclui o espaço físico (provavelmente um local seguro ou escondido) e o contexto emocional e moral do diálogo.

Nesta cena, o professor constrói um *ethos* (Maingueneau, 1998) de resistência e justiça, posicionando-se como herdeiro dos ideais do avô. Ao evocar a figura do avô e a luta antifascista, ele se apresenta como alguém comprometido com a luta contra a injustiça e a opressão,

reforçando sua legitimidade e autoridade moral. Berlim, ao se juntar ao canto, reforça esse *ethos* de união e determinação.

Na vigente cena, há uma interdiscursividade (Maingueneau, 2008) entre o discurso histórico da resistência antifascista e o discurso atual do grupo liderado pelo professor. A canção *Bella Ciao* serve como um elo entre esses discursos, simbolizando a continuidade da luta. O professor conecta as lutas do passado com as do presente, mostrando como os ideais de resistência são atemporais e continuam a inspirar ações contemporâneas.

Já a formação discursiva (Maingueneau, 2008) da cena é marcada pelos ideais de resistência e luta contra a opressão. O discurso é estruturado de maneira a legitimar as ações do grupo, conectando-as a uma tradição histórica de luta e justiça. A formação discursiva aqui é de resistência, na qual a narrativa é construída para inspirar e mobilizar os membros do grupo.

A menção à música *Bella Ciao*, que simboliza a luta antifascista e a resistência, conectando o professor a uma tradição histórica de luta contra a injustiça, demonstra como os postulados de Maingueneau (1998) são compreendidos nos discursos de resistência na série. A prática discursiva, a cenografia, o *ethos*, a interdiscursividade e a formação discursiva trabalham juntos para criar um discurso poderoso e inspirador, que conecta o passado ao presente e legitima as ações do grupo.

Para analisar essa mesma cena de *La Casa de Papel* de acordo com os postulados de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), vamos considerar os conceitos de rizoma, micropolítica, desterritorialização e reterritorialização.

A ideia de resistência, transmitida pelo avô do professor ao professor, e, posteriormente, ao grupo, exemplifica um sistema rizomático (Deleuze; Guattari, 1995). A resistência não é uma estrutura linear ou hierárquica, mas sim uma rede de ideias e ações interconectadas que se espalham e se adaptam ao longo do tempo. A música *Bella Ciao* serve como um símbolo rizomático, conectando diferentes gerações e contextos de luta contra a opressão.

A história do avô do professor e sua luta contra o fascismo é um exemplo de micropolítica (Deleuze; Guattari, 1995). Ele não apenas lutou contra um regime totalitário, mas também transmitiu seus ideais de resistência ao neto. Essas ações individuais e familiares se somam para criar um movimento maior de resistência.

A resistência do avô do professor desterritorializou (Deleuze; Guattari, 1995) o regime fascista, desafiando e desestabilizando sua autoridade. Ao transmitir esses ideais ao professor, ele reterritorializou (Deleuze; Guattari, 1995) a resistência, criando um território de luta e justiça que persiste através das ações do grupo. Cada geração enfrenta suas próprias batalhas,

mas constrói sobre as fundações deixadas pelas gerações anteriores, continuamente desterritorializando e reterritorializando a resistência.

Desse modo, nessa cena de *La Casa de Papel*, podemos exemplificar como os conceitos de Deleuze e Guattari (1995) podem ser percebidos de acordo com a complexidade e a continuidade da resistência. A resistência é vista como um rizoma, uma rede interconectada de ideias e ações que se adaptam e se espalham ao longo do tempo. A micropolítica destaca a importância das pequenas ações individuais na criação de movimentos maiores. A desterritorialização e reterritorialização mostram como a resistência desestabiliza estruturas opressivas e cria territórios de luta e justiça.

Assim sendo, *Bella Ciao* está inserida num contexto histórico importante, pois é uma canção de resistência que remete à luta contra o fascismo durante a Segunda Guerra Mundial. Originalmente um canto de trabalhadores rurais, sua transformação em hino de resistência reflete a luta contra a opressão e a injustiça. Na série, a música é utilizada para estabelecer um vínculo emocional entre os personagens e a causa que defendem, simbolizando não apenas a luta deles contra um sistema opressor, mas também uma conexão com as lutas históricas que moldaram a identidade cultural italiana.

Desta maneira, a cena é rica em significados e simbolismos, especialmente quando analisada sob a perspectiva da Análise Cartográfica de Deusdará e Rocha (2021). Uma vez que, essa abordagem permite uma compreensão mais profunda das relações sociais, históricas e culturais que permeiam a narrativa.

Deste modo, os enunciados entre os personagens são cruciais para entendermos o peso da canção. O professor menciona que seu avô lutou contra os fascistas, ligando sua luta pessoal à história coletiva da resistência. Essa conexão gera um sentido de continuidade histórica, em que as lutas do passado reverberam no presente. Berlin complementa essa ideia ao afirmar que “esta canção é um hino de resistência”, solidificando a relação entre música, identidade e ação política.

Consubstanciando-se, a Análise Cartográfica do Discurso enfatiza as relações dialógicas presentes na cena. A música *Bella Ciao* estabelece uma conexão não apenas entre os personagens, mas também com o público, evocando um sentimento de solidariedade e resistência. Essa relação pode ser vista como uma resposta ativa às injustiças sociais contemporâneas, refletindo movimentos sociais ao redor do mundo que utilizam a canção como símbolo de protesto.

CONCLUSÃO

A análise cartográfica do discurso da série *La Casa de Papel* permitiu uma compreensão mais aprofundada das críticas ao capitalismo e à financeirização presentes na narrativa. A série, ao retratar um assalto elaborado meticulosamente à Casa da Moeda da Espanha, revela as contradições e as injustiças do sistema capitalista atual.

La Casa de Papel, que se concentra em um assalto à Casa da Moeda, ultrapassa a simples representação de um crime, servindo como uma alegoria das lutas contra um sistema que, muitas vezes, exclui o indivíduo em prol de interesses corporativos e financeiros.

Os personagens, que inicialmente eram considerados criminosos, são, posteriormente, transformados em anti-heróis que desafiam a lógica capitalista, apresentando uma crítica ao sistema que os oprime. A financeirização entendida como um fenômeno que desvia a atenção da produção para a especulação financeira, é alvo de críticas por parte dos protagonistas, que questionam a moralidade e a sustentabilidade de um sistema que prioriza o lucro em detrimento do bem-estar humano.

Sendo assim, através da perspectiva cartográfica do discurso, é possível notar como a série articula diferentes vozes e narrativas que questionam a moralidade do capitalismo, levando o público a refletir sobre a diferença entre o bem e o mal. A complexidade é ainda mais acentuada pelo uso de símbolos e de referências culturais, especialmente em períodos de crise econômica, como é notado em diversas partes da América Latina, onde a série teve uma recepção atenciosa.

Além disso, a financeirização, entendida como a crescente importância das finanças na economia, é criticada por meio da representação do roubo como uma atitude de resistência. Os personagens não buscam apenas enriquecer, mas também desafiar um sistema que perpetua desigualdades e injustiças. Essa subversão do discurso capitalista, na qual os ladrões se tornam vozes de um grupo oprimido, demonstra um desejo de mudança e uma busca por alternativas ao *status quo*.

Dessa maneira, a Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021) permitiu identificar as diferentes vozes e perspectivas presentes na série, revelando como *La Casa de Papel* se posiciona como uma narrativa crítica e reflexiva sobre o capitalismo. A série não apenas proporciona entretenimento, como também provoca reflexões sobre as dinâmicas de poder e de resistência no mundo contemporâneo.

Em conclusão, a obra *La Casa de Papel* não é apenas um entretenimento; é uma reflexão crítica sobre o capitalismo e suas consequências sociais. A série, com sua narrativa envolvente e personagens complexos, instiga o espectador a questionar as normas estabelecidas e a considerar a possibilidade de um mundo mais justo, no qual as vozes dos excluídos possam finalmente ser ouvidas. Essa crítica ao sistema, fundamentada na Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021), enfatiza a importância da série como um fenômeno cultural que transcende a tela, estimulando discussões sobre a realidade econômica e social contemporânea. Desse modo, esta dissertação é uma contribuição para o campo dos estudos críticos ao demonstrar como Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021) pode ser uma ferramenta eficaz para desvelar as complexidades e as contradições do capitalismo moderno.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*: Notas para uma investigação. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editora Presença, [20--].

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habituar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

BAKHTIN, Mikhail. *Gêneros do discurso*: estética da criação verbal. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 448 p.

BROW, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*: a ascensão política antidemocrática no Ocidente. Tradução: Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. 2. reimpr. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020. 254 p.

CARRIÓ, A., p. 1, *Il capitalismo contemporaneo e la sua finanziarizzazione*. Disponível: www.izquierdarevolucionaria.net. Acesso em: 04 ago. 2023.

CARRIÓ, A., p. 2, *Contra los recortes. Por una vida digna*. Disponível em: <https://www.interactsolutions.com/5-lico-es-de-gestao-que-aprendemos-com-la-casa-de-papel/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *Análise cartográfica do discurso*: temas em construção. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2021. 395 p.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *O que entendemos por trabalhar em análise do discurso*. [S.l.: s.n., 20--].

DUCROT, Oswald. Énonciation et polyphonie chez Carles Bally. In: DUCROT, Oswald. *Logique, structure, énonciation*: lectures sur le langage. Paris: Minuit, 1989. p. 165- 191.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 161-218.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 92-108.

FIORIN, J. L. Tendências da Análise do Discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez. 1990.

FOUCAULT, M. A Ordem do discurso. Trad. L. F. de A. Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996. (título original, 1971).

KASTRUP, V. (2004). A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia & Sociedade*, v. 16, n. 30, p. 7-16, 2004.

KASTRUP, V. (2005) Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educação e Sociedade*, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, 2005.

LANGUAGE tool - verificador ortográfico. Disponível em: <https://languagetool.org/pt-BR>. Acesso em: 08 ago. 2024.

LAPYDA, Ilan. *Introdução à financeirização*: David Harvey, François Chesnais e o capitalismo contemporâneo. 1. ed. São Paulo: CEFA Editorial, 2023. p. 1-160.

LOURAU, René. Campo socioanalítico. In: LOURAU, René. *Analista institucional em tempo integral*. Campinas, SP: Hucitec, 2004. p. 224-245.

MAESO, B. E. A. *As diferenças em comum*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. p. 13-243.

MAINGUENEAU, D. Análise do Discurso: a questão dos fundamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, jul./dez. 1990.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 304 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015. 192 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Frase sem texto*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 200 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução: Freda Indursky. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998 da tradução brasileira.

MAINGUENEAU, P. C. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: editora contexto, 2020.

MATTEI, Clara E. *A ordem do capital*: como economistas inventaram a austeridade e abriram caminho para o fascismo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 17-431.

MUSSALIM, F., BENTES, A. C. (org.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. v. 2.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PÊCHEUX, M. A *Análise do Discurso: três épocas*. Trad. J. de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (título original, 1969).

PINA, A., GOMES, J. *La casa de papel*. Disponível em: www.netflix.com. Acesso em: 04 ago. 2020.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. *Análise de conteúdo e análise do discurso: o lingüístico e seu entorno*. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 22, n. 1, 2006.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

SOUZA, G., parte 8, v. 1, p. 1, cena 1 – Raquel é afastada da polícia e tenta descobrir o esconderijo do professor. Disponível em: www.feededigno.com.br/feededigno . Acesso em: 04 ago. 2023.

SOUZA, G., parte 8, v. 1, p. 1, cena 2 – Raquel após descobrir o esconderijo do professor e ser sequestrada por ele. Disponível em: www.pinterest.com. Acesso em: 06 ago. 2024.

SOUZA, G., parte 8, v. 1, p. 2, cena 3 – Tóquio a narradora da série falando acerca dos ideários de luta e resistência do professor e seu avô. Disponível em: www.pinterest.com. Acesso em: 04 de ago. 2024.